

Construir no (e com) o construído: Uma nova forma de habitar o Poço do Bispo

Afonso Maria Rosa Braz

(Licenciado)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Doutor Arquiteto José Aguiar

Arquiteto António Pedro Pacheco

Júri:

Doutora Maria Soledade Sousa

Doutor António Leite

Resumo

A zona oriental de Lisboa é caracterizada por uma malha urbana de palimpsestos, resultado das diferentes ocupações aqui desenvolvidas ao longo da história. Esta característica resulta numa malha onde é reconhecida uma dualidade entre um passado rural e um passado industrial, apresentando assim um conjunto de qualidades singulares e com relevância para a história da cidade de Lisboa.

A última grande mudança aqui sentida foi a súbita desocupação industrial que se deu após a revolução de 25 de Abril, na década de 70. Desde então, verificou-se uma forte retração, sendo esta sentida através da falta de regeneração de população, falta de oferta de trabalho e degradação do edificado. Na década de 90 observaram-se as primeiras iniciativas para reintroduzir a zona oriental de Lisboa na relevância para o quotidiano da cidade através do projeto da EXPO 98, no entanto, este não integrou a totalidade da área em retração.

Com este conjunto de particularidades e com o intuito de evidenciar o património industrial desta zona, é proposta uma intervenção na fábrica José Domingos Barreiro, em Marvila, no Poço do Bispo que vá de encontro com os indícios de densificação que aqui começam a ser sentidos. É sugerida a reabilitação da fábrica num centro de artes, indo esse projeto de encontro com a identidade do espaço expectante, de modo a retirar o proveito do potencial desta zona

Palavras Chave:

Património Industrial, Reabilitação, Centro de Artes, Marvila, Reconversão

Abstract

The urban mesh of Lisbon's eastern zone is defined by an overlay of multiple layers, a result of the different occupations developed here throughout history. This characteristic results in a mesh where a duality is recognized between a rural past and an industrial past, thus presenting a set of singular and relevant qualities for Lisbon's history.

The last major change here was the sudden industrial unemployment that occurred after the revolution of April 25, in the 1970s. Since then, there has been a sharp urban contraction, which is felt through a lack of population regeneration, a lack of job offer and building degradation. In the 90's, the first initiatives to reintroduce the eastern part of Lisbon into relevance to the daily life of the city began through the EXPO 98 project, however, this did not integrate the entire area into retraction.

With this set of particularities and with the intention of highlighting the industrial heritage of this area, an intervention is proposed at the José Domingos Barreiro's factory, placed in Marvila, at Poço do Bispo that meets the signs of densification that are beginning to be felt here. It is suggested that the factory be rehabilitated in an arts center, in order to go with the identity of the waiting area, so that it can take advantage of the potential of this area.

Keywords:

Industrial Heritage, Rehabilitation, Arts Centre, Marvila, Reconversion

Em homenagem ao meu avô Benedito.

Agradecimentos

A conclusão desta dissertação deve-se a todo o apoio que recebi da parte de um grupo alargado de pessoas, o qual quero aproveitar para aqui expressar as minhas palavras de agradecimento.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer todo o apoio incondicional que recebi ao longo destes anos pela minha família, destacando:

-A minha avó Clarisse, que muito me apoiou no decorrer do meu percurso pessoal, me amou e cuidou de mim como uma mãe. O meu pilar. Nunca irei conseguir expressar a gratidão que tenho por todo o apoio e dedicação que ela me deu;

-O meu irmão João, que me ensinou a ser pragmático, que sempre me defendeu e que sempre me apoiou, mostrando sempre um amor incondicional. O meu segundo pai;

-A minha irmã Matilde, que esteve sempre disposta a ouvir-me e esteve presente todos os dias para me animar e apoiar;

-O meu primo Miguel, que foi desde sempre o meu melhor amigo e leal companheiro. A prontidão que ele teve para me ajudar a resolver todo o tipo de questões históricas foi insubstituível;

-A minha namorada Mariana, que espero vir a casar com ela. Todo o apoio e amor que recebi fizeram com que eu chegasse onde cheguei.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a todos os meus amigos. Vocês fizeram parte do meu percurso e hoje constituem a minha segunda família. Todo o apoio, conhecimento e aventuras que passei convosco é parte de mim e devo-vos a todos bastante. Gostaria de destacar os dois grupos de amigos aos quais sou mais chegado, começando pela malta do Restelo. Mudei graças a vocês. Tenho bastante orgulho no percurso de todos vós e tenho-vos como exemplo; e pela malta do atelier do Garage. O arquiteto que vou ser deve-se a vocês. Todo o conhecimento e aventuras que partilhamos irão ficar sempre no meu coração.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer a todos os professores que foram relevantes na minha instrução e formação enquanto pessoa, destacando:

-O meu professor de Geometria Descritiva José Fernando de Santa Rita. Devo-lhe o ensino do rigor, do método e da disciplina.

-O meu professor de projeto João Miguel Duarte. O melhor pedagogo que conheci. Devo-lhe todo o meu sentido de autocrítica e pragmatismo.

-Os meus orientadores José Aguiar e Pedro Pacheco, que me acompanharam nesta dissertação e me encaminharam para este desfecho do meu percurso académico.

Índice

Introdução.....	01
Objetivos da investigação.....	02
Metodologia.....	02
Estado de Arte.....	04
AAzinhaga.....	04
PassadoIndustrial.....	04
Requalificação e Reabilitação Urbana.....	06
 Capítulo I: Mudança do Paradigma dos espaços de arte.....	 09
O anti museu.....	09
As Maisons de La Culture.....	10
MoMa e MoMa PS1.....	11
Os Reflexos da mudança de paradigma dos espaços de arte.....	13
 Capítulo II: Caracterização do Local.....	 15
O surgimento do Caminho do Oriente.....	15
Desenvolvimento da zona portuária e indústria.....	17
Contextualização atual do Caminho do Oriente.....	20
O futuro do Caminho do Oriente.....	22
Contextualização da Fábrica José Domingos Barreiro.....	22
Considerações Finais do Caminho do Oriente.....	27
 Capítulo III: Casos de Estudo.....	 29
Complexo fabril de Zollverein.....	29
SESC Pompeia.....	31
LXFactory.....	32
Matadero.....	33

Capítulo IV: Proposta de Projeto.....	35
Elaboração e justificação do plano urbano.....	35
Conceptualização da intervenção arquitetónica.....	37
Desenvolvimento funcional e materialidades.....	38
Considerações Finais.....	41
 Bibliografia.....	 45

Índice de Ilustrações

Ilustração nº 1 - Marvila: Vista do Porto de Lisboa (Fonte: autoria própria).....	01
Ilustração nº2 - Um complexo fabril deixado ao abandono em Xabregas (Fonte: autoria própria).....	02
Ilustração nº3 - “A fonte”, por Marcel Duchamp, 1917 (Fonte: http://www.craveonline.com/art/1258309-art-marcel-duchamp-fountain-scandal#/slide/1).....	08
Ilustração nº4 - “La Boite en Valise, por Marcel Duchamp, 1935-1941, (Fonte : https://www.moma.org/interactives/exhibitions/1999/muse/images/duchamp_boite.jpg).....	10
Ilustração nº5 - Maison de la Culture des Firminy, Le Corbusier, 1953, (Fonte: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5187&sysLanguage=fr-fr&itemPos=25&itemSort=fr-fr_sort_string1%20&itemCount=78&sysParentName=&sysParentId=64/).....	10
Ilustração nº6 - Vista do MoMA, (Fonte: https://cpb-us-e1.wpmucdn.com/sites.psu.edu/dist/4/21398/files/2015/01/moma2).....	11
Ilustração nº7 - Jardins do MoMA, (Fonte: https://www.timeout.com/newyork/blog/a-beginners-guide-to-the-best-art-and-museums-in-nyc-022817).....	11
Ilustração nº8 - Exposição temporária no MoMA PS1, (Fonte: https://www.moma.org/about/who-we-are/momaps1).....	12
Ilustração nº9 - Exposição temporária no MoMA PS1, (Fonte: https://www.moma.org/calendar/exhibitions/3667).....	12
Ilustração nº10 - Exposição temporária no MoMA PS1, (Fonte: https://i.pinimg.com/originals/da/5d/08/da5d088036b8849df45e98828898f149).....	12
Ilustração nº11 - Lisboa, Vale de Chelas, Ortofotomapa 1947, (Fonte: IGeO - Instituto Geográfico do Exército).....	14
Ilustração nº12 - 1571, Ilustração de Francisco de Holanda da ponte de Sacavém (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Sacavém#/media/File:Ponte_de_Sacav%C3%A9m_(Francisco_de_Holanda).jpg).....	16
Ilustração nº13 - Azinhaga das Bruxas (Fonte: http://olhares.sapo.pt/por-lisboa-na-azinhaga-da-bruxa-foto2255617.html).....	16
Ilustração nº14 - (1752) Mapa dos Foros de Marvila (Fonte: http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2013/05/rua-do-acucar-iii.html).....	17
Ilustração nº15 - Lisboa, Vale de Chelas, Ortofotomapa 1947, (Fonte: IGeO - Instituto Geográfico do Exército).....	18

Ilustração nº16 - (Início do séc XX) Vila Dias, Beato (Fonte: http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/cinco-milhoes-para-recuperar-a-historica-vila-dias-no-beato-194991).....	18
Ilustração nº17 - Fábrica de pão da Manutenção Militar (Fonte: autoria própria).....	19
Ilustração nº18 - (anos 1990) , Zona Oriental de Lisboa, onde hoje encontramos o Parque das Nações (Fonte: http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2014/06/parque-da-nacoes-cabo-ruivo.html).....	20
Ilustração nº19 - Vista do atual Parque das Nações (Fonte: http://www.meusroteirosdeviagem.com/2015/11/parque-das-nacoes-lisboa.html).....	21
Ilustração nº20 - Degradação da rua Zófimo Pedroso, no Poço do Bispo (Fonte: autoria própria).....	22
Ilustração nº21 - Plano urbano projetado por Renzo Piano (Fonte: http://abarrigadeumarquitecto.blogspot.pt/2007/02/renzo-piano-brao-de-prata-housing.html).....	22
Ilustração nº22 - (1837) Carta Topográfica da Linha de Defesa da Cidade de Lisboa (Fonte: http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.pt/2018/01/historia-do-marechal-saldanha-1790-1876_6.html).....	23
Ilustração nº23 - Vista das Fábricas Abel Pereira da Fonseca e José Domingos Barreiro (Fonte: autoria própria).....	23
Ilustração nº24 - Motivo em azulejo feito na fábrica de Sacavém, por A. Moutinho para a sede de José Domingos Barreiro & Cª Ltda. (Fonte: autoria própria).....	24
Ilustração nº25 - Vista do complexo fabril com destaque ao edifício da sede. (Fonte: autoria própria).....	24
Ilustração nº26 - vista do pátio (Fonte: autoria própria).....	25
Ilustração nº27 - vista do pátio numa diferente perspetiva (Fonte: autoria própria).....	25
Ilustração nº28 - Vista atual de um armazém do complexo já desocupado. (Fonte: autoria própria).....	26
Ilustração nº29 - Proposta de habitação para a fábrica José Domingos Barreiro (Fonte: Fundação Maria António Barreiro).....	26
Ilustração nº30 - Vista da fábrica de Zollverein (Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/625857/uma-jornada-fotografica-por-zollverein-a-transformacao-de-uma-paisagem-pos-industrial).....	28

Ilustração nº31 - Localização da região de Ruhr (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Ruhr#/media/File:Locator_map_RVR_in_Germany.svg).....	29
Ilustração nº32 - (Séc. XIX) Ilustração da zona industrial de Essen (Fonte: http://www.alamy.com/stock-photo-industry-metal-industry-krupp-cast-steel-factory-essen-view-detail-33341766.html).....	29
Ilustração nº33 - Vista da fábrica de Zollverein (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Ruhr#/media/File:Locator_map_RVR_in_Germany.svg).....	30
Ilustração nº34 - Setor 12, projetado ao estilo Bauhaus(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Ruhr#/media/File:Locator_map_RVR_in_Germany.svg).....	30
Ilustração nº35 - SESC Pompeia (Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi).....	31
Ilustração nº36 - Vista dos Armazens (Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi).....	31
Ilustração nº37 - Vista do pórtico de entrada do LX Factory (Fonte: https://www.lisbonlux.com/lisbon/lx-factory.html).....	32
Ilustração nº38 - Atividades comerciais do LX Factory numa feira de domingo (Fonte: https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/lx-factory-comprada-um-grupo-frances).....	32
Ilustração nº39 - Vista do Matadero (Fonte: https://www.archdaily.com/602284/factoria-cultural-in-matadero-madrid-office-for-strategic-spaces).....	33
Ilustração nº40 - Detalhe de reabilitação (Fonte: https://www.archdaily.com/602284/factoria-cultural-in-matadero-madrid-office-for-strategic-spaces).....	33
Ilustração nº41 Vista da fábrica José Domingos Barreiro (Fonte: autoria própria).....	34
Ilustração nº42 - Ortofotomapa da localização da zona urbana a intervir (Fonte: adaptado de Google Earth).....	35
Ilustração nº43 - Zona a intervir (Fonte: Google Earth).....	35
Ilustração nº44 - Cruzamento entre rua Zófimo Pedroso e rua vale formoso de cima (Fonte: autoria própria).....	36
Ilustração nº45 - Avenida Infante Dom Henrique (Fonte: autoria própria).....	36
Ilustração nº46 - Nova via de atravessamento (Fonte: autoria própria).....	36
Ilustração nº47 - Plano Urbano (Fonte: autoria própria).....	37

Ilustração nº 48 - Logotipo proposto para o centro de artes do poço do bispo (Fonte: autoria própria).....	37
Ilustração nº 49 - Exemplo de uma obra feita por Gordon Matta-Clark (Fonte: https://theibtaurismblog.com/2015/01/26/gordon-matta-clark-splitting-and-the-unmade-house/).....	38
Ilustração nº 50 - Amostra de detalhes presentes no edifício (Fonte: autoria própria).....	39
Ilustração nº 51 - Vista aérea da intervenção (Fonte: autoria própria).....	39
Ilustração nº 52 - Percurso “Matta-Clark” (Fonte: autoria própria).....	39
Ilustração nº 53 - Relação entre a rua direita de Marvila e a intervenção (Fonte: autoria própria).....	40
Ilustração nº 54 - Vista do primeiro Armazém (Fonte: autoria própria).....	40

1. Introdução

De um ponto de vista genérico, uma cidade desenvolve-se em função de pontos catalisadores. Estes, surgem em função das necessidades exigidas pela população local, gerando assim comércio, rotinas e pontos de interesse. A este fenómeno é dado o nome de centralidades.

Quando uma zona carece de centralidades, é comum verificar-se um dos seguintes cenários: ou se dá o início a um processo de retração, ou surge uma nova centralidade. A zona que aqui é proposta para ser estudada é um bom exemplo deste fenómeno, tendo esta vivido um acentuado processo de densificação, após o surgimento de uma forte presença industrial nos finais do séc. XIX, impulsionando grande parte da economia da cidade de Lisboa, através da criação de postos de trabalho aliados a um *boom* populacional até à década de 1970.

Após a revolução de 25 de abril, verificou-se um súbito processo de desindustrialização, levando a uma retração marcada pela ausência de comércio, baixa regeneração de população e pouca oferta de trabalho, carências essas ainda hoje sentidas.

Atualmente, embora comecem a surgir pequenos focos que evidenciam indícios de reversão, continua a não existir uma centralidade evidente, sendo que a resposta face a esta problemática deverá ser dada através da sugestão de novos pontos catalisadores e modelos urbanos que deverão ser feitos tendo em conta o conjunto de qualidades desta zona, de modo a valorizar o passado e fazendo com que o ciclo de retração se inverta na sua totalidade, dando lugar a um ciclo de densificação e prosperidade.



Ilustração nº 1
Marvila: Vista do Porto de Lisboa



Ilustração nº2
Um complexo fabril deixado ao abandono em
Xabregas

2. Objetivos da investigação

A investigação proposta tem como objetivo reintegrar o património industrial nas dinâmicas de uma cidade contemporânea. O local escolhido foi a zona ribeirinha oriental de Lisboa, contida entre a estação de Santa Apolónia e o Braço de Prata, onde atualmente dispomos um vasto espólio industrial e podemos observar indícios de reversão do processo de retração aqui sentido desde a década de 1970.

3. Metodologia

A metodologia desenvolvida para o trabalho aqui presente começa pela recolha de toda a informação acessível, desde documentos escritos, até imagens, ilustrações e levantamentos que contenham elementos da zona a ser estudada. Esta recolha começa pela visita ao terreno, onde foram elaborados esboços, se retiraram fotografias de edifícios e zonas com destaque e se deu início ao processo de compreensão do espaço. De seguida, foi feita a recolha de toda a documentação acessível do arquivo de Lisboa, de modo a compreender a evolução histórica deste local. Posteriormente, foi recolhida toda a informação complementar através de registos escritos, tais como decretos-lei, livros históricos, que contivessem uma descrição detalhada da zona e sítios na Internet com investigações históricas.

Após a recolha e filtragem, deu-se o início à análise dos elementos, da qual surge o levantamento das mudanças urbanas aqui sentidas. A elaboração desta análise foi feita através da sobreposição e comparação dos registos históricos de diferentes épocas.

É com base nesta recolha e tratamento de informação, que se elabora uma resposta de reabilitação à fábrica José Domingos Barreiro, implementando

assim uma estratégia de regeneração deste local, com o intuito de gerar uma nova centralidade, centralidade essa com a capacidade de potenciar as qualidades urbanas aqui sentidas.

Através da metodologia aqui descrita, é feita a estruturação do presente documento, sendo este dividido em quatro capítulos, onde:

-No primeiro capítulo é abordada a temática da mudança do paradigma nos espaços expositivos. Neste ponto, iremos analisar movimentos ideológicos que vão contra a definição clássica de museu ao sugerir formas alternativas de expor arte. Com este conjunto de informações, é retirada a noção de que a arte em sintonia com programas socioculturais e edifícios de interesse arquitetónico são potenciais geradores de centralidades.

-O segundo capítulo, dá-nos uma contextualização histórica da zona a intervir. Nesta, é explicada a razão pela qual a zona ribeirinha oriental de Lisboa apresenta uma grande variedade de malhas urbanas de diferentes épocas sobrepostas em camadas ainda hoje visíveis. Esta leitura irá ser crucial para se entender o conjunto de questões relevantes da zona, quais os pontos-chave e quais as suas fraquezas.

-O terceiro capítulo procura interligar os dois capítulos anteriores através do uso de exemplos sob a forma casos de estudo. Com este cruzamento de dados é adquirida uma base teórica que irá ser posteriormente tida em conta como justificação do conjunto das intenções e escolhas projetuais feitas ao longo da execução do projeto final.

Por fim, o quarto e último capítulo irá consistir na elaboração e justificação do projeto, desde a escala urbana até à escala construção, seguida de uma reflexão crítica do trabalho apresentado.

4 Estado da Arte

Numa dissertação de natureza científica, como a que aqui é proposta, é essencial recolher casos específicos dos quais o trabalho se vai basear. Neste caso, os tópicos aqui apresentados serão essenciais para a elaboração da tese, destacando entre eles o passado industrial, a azinhaga e a requalificação e reabilitação urbana.

4.1 A azinhaga

As azinhagas surgem de pequenos percursos contidos na periferia de Lisboa e eram percorridos a pé, ou a cavalo. Eram delimitadas pontualmente por edifícios e por muros que ladeavam as propriedades nobres aqui implantadas. Era através das azinhagas que se chegava essas mesmas propriedades que estavam dispostas na zona do caminho do oriente, sendo que estas normalmente convergiam para a atual rua de Xabregas. Após a chegada da indústria, houve grandes troços destes percursos que foram seccionados para dar lugar às malhas racionais e funcionais das vilas operárias e das fábricas. Com esta fragmentação, perdeu-se parte do carácter e da essência do caminho do Oriente. Hoje em dia, grande parte do que resta das azinhagas é percorrível através de carro, descaracterizando ainda mais este elemento, ao ser percorrido desta forma.

4.2 Passado Industrial

A industrialização do Caminho do Oriente começou em meados do século XIX e foi um processo crescente até pelo menos aos meados dos anos 70. Com esta industrialização não ficaram só marcas traçadas na paisagem até aos dias de hoje, mas também uma herança de oficinas, fábricas, chaminés, fornos, bairros operários, vias de caminho-de-ferro, etc.

O fenómeno de industrialização da zona Oriental de Lisboa resulta de condições bem específicas, comuns à localização da cidade e da pouca densidade populacional e espaço aberto que aqui existia.

Foi nas quintas que se ergueram as primeiras fábricas, sendo estas construídas tendo em conta lógicas como a acessibilidade e as transações comerciais de matérias-primas. Este tipo de ocupação foi se expandindo gradualmente para toda a zona de uma forma não planeada e focada apenas em conjunturas e interesses. Ao longo deste troço temporal somente o desenvolvimento dos Olivais foi baseado num prévio planeamento urbano. A 19 de Outubro de 1942, surge um novo Decreto-Lei que potencia ainda mais esta expansão, sendo que este procura libertar toda a área ocidental de Lisboa, entre Alcântara e Belém, de Indústria, criando um êxodo fabril desta zona para a zona do Caminho do Oriente, originando assim diversos empreendimentos como a Moagem Lisbonense, a fábrica de Gás da Matinha, ou o matadouro de Lisboa.

A partir da época de setenta grande parte destas indústrias davam mostras de envelhecimento e acabaram por sucumbir perante o impacto socioeconómico causado na revolução de 25 de Abril de 74. Com esta súbdita desindustrialização não foram tidos em conta aspetos como a conservação do espólio industrial, nem foi tido em conta nenhum plano de reocupação desta extensa zona. O caminho do Oriente, foi deixado ao abandono na sua grande parte e foi condenado a uma lenta degradação até muito recentemente.

Ao contrário de bairros industriais como os de Alcântara, Campo grande, Belém ou a Junqueira, a zona fabril contida entre Santa Apolónia e o Parque das Nações não estava contida em zonas de grande especulação imobiliária, o que fez com que grande parte do património se fosse degradando lentamente, mas mantendo a sua morfologia original ao longo destes anos, legado esse bastante importante

na caracterização e identidade de Lisboa e que deve ser mantido.

Com a relativamente recente construção do atual parque das nações para a expo 98 e o recente fenómeno que atualmente se está a instalar na baixa, a especulação imobiliária virou-se pela primeira vez para a zona do caminho do Oriente, dando assim o potencial de afirmação desta zona, que nos dias de hoje se encontra obviamente com graves carências.

4.3 Requalificação e Reabilitação Urbana

A baixa densidade populacional e a localização geográfica do Poço do Bispo aliados ao baixo custo por metro quadrado e crescente interesse pela parte de investidores, tornam o poço do bispo numa zona bastante viável para o crescimento da cidade de Lisboa, no entanto, não podemos esquecer o seu passado rural e Industrial e todo o património arquitetónico que resistiu até aos nossos dias de hoje. A reabilitação e requalificação urbana são pontos essenciais a ter em conta numa intervenção nesta zona.

1- A reabilitação urbana procura criar uma readaptação e dar um novo habitar ao tecido urbano pré existente, dando ênfase à sua morfologia e ao seu carácter, no qual se fazem duas intervenções complementares:

1a- Reabilitação do edificado, que consiste numa intervenção localizada e direcionada aos casos específicos de cada edifício, procurando responder da melhor forma ao novo programa proposto, podendo assim implicar a demolição de certas partes e o restauro de outras.

1b- Reabilitação da paisagem urbana, que consiste na reabilitação e na formação de espaços de transição entre diferentes zonas do espaço público e semi- público e que visa o melhoramento do

espaço público através da revitalização deste mesmo.

2- A requalificação urbana consiste num instrumento para que as condições de vida das populações que habitam um determinado local melhorem, promovendo assim a recuperação e construção de equipamentos e infra estruturas em falta e procura a introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidades. Fatores como a dinamização social e económica ou a valorização de espaços públicos também são tidos em conta.

O carácter mobilizador e estratégico da requalificação urbana faz com que esta esteja focada na organização do território e vise um melhor desempenho social e económico .

Ilustração nº3
"A fonte", por Marcel Duchamp, 1917



Capítulo I : Mudança do Paradigma dos espaços de arte

O Anti-Museu

Entre finais do séc. XIX e início do séc. XX, os museus eram vistos como espaços restritos, de carácter burguês e eram destinados somente a intelectuais e colecionadores. O espírito filantrópico do séc. XIX refletia-se na fundação de grandes instituições museológicas por destacadas personalidades da sociedade de então, como por exemplo, o caso de Calouste Gulbenkian em Portugal. Os visitantes dos museus eram (...) *vistos como massas indiferenciadas, não eram tidos enquanto parte integrante na construção da exposição e esperava-se que estes recebessem, passivamente, os factos pré-seleccionados, as leis universais, e os aprendessem. A prioridade destes aspetos universais as-sentava, assim, nas coleções que, em si mesmas, inspiravam conhecimento e, casualmente, normas de comportamento*¹.

O museu era, portanto, visto como um *templo neo-clássico* onde se tinha o privilégio de visitar as obras primas dos grandes mestres.

Com a mudança de paradigma que o séc. XX trouxe, a forma como os museus funcionavam começou a ser contestada, primeiro por autores como Fillipo Marinetti, que no seu *Manifesto do Futurismo*, publicado no jornal *Le Figaro*, os associa a cemitérios e incita à sua destruição², ou por Paul Valéry, que em *Le Problème des Musées*, de 1923, ao descrever uma visita a um museu, descreve-o como um lugar de imensa solidão, que tanto tem de templo, como de salão, de cemitério e de escola³. Face a esta tendência, começaram a surgir críticas por artistas, com destaque a Marcel Duchamp, onde no seu texto *Creative Act*, confronta a visão clássica do museu e explora a tese de que a arte e o espetador existem um para o outro. Duchamp também apresenta a exposição *Boite en Valise*, que contesta fortemente a existência do museu como espaço físico para expor arte, afirmando que um

¹HOPPER, Greenhill; 1999, pág. 19

²MARINETTI, Fillipo; The Foundation and Manifesto of Futurism; 1909; pág. 1-8

³”Bientôt, je ne sais plus ce que je seuis venu faire dans ces solitudes cirées, qui tienneent du temple et du salon, du cimetière et de l’école(...)” VALÉRY, Paul, Le Problème des Musées; 1923



Ilustração n°4
“Boite en Valise”, por Marcel Duchamp, 1935-1941

⁴ BAZIN, Germain; DESVALÉES, André; MOULIN, Raymonde; Crises de l’institution muséologique; disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/museologie/3-crisis-de-l-institution-museologique/>



Ilustração n°5
Maison de la Culture des Firminy, Le Corbusier, 1953

museu não tem de ser necessariamente um edifício confinado pela arquitetura e que pode ser algo efêmero e portátil, como por exemplo uma mera mala.

As Maisons de la Culture

Foi, no entanto, na década de 1960, em Paris, que surge o embrião da “Nova Museologia” no decorrer de uma contestação espontânea estudantil que tinha como lema *La Joconde au métro*⁴ e que se opunha ao carácter de instituição burguesa que os museus apresentavam.

Como medida para contrariar o museu como instituição ao serviço das elites sociais e de modo a responder ao problema sociológico, ainda sentido desde a segunda guerra mundial, promovendo as relações interpessoais e comunitárias, o então ministro da cultura Françes, André Malraux, propõe a criação das Maisons de La Culture. Estas renovações da instituição museológica visavam a democratização cultural e social, recusando a mera visualização de objetos isolados e propondo uma adição de conteúdo programático, como por exemplo conteúdo de desporto e lazer. Outro objetivo das Maisons de La Culture seria a descentralização do poder cultural de Paris, sendo que estas iriam atuar em várias zonas do território do país. A estratégia de atuação de cada Maison de La Culture iria ser específica ao local a intervir, indo de encontro às necessidades deste mesmo local, dando posteriormente lugar às atividades que fossem de encontro com a população local.

Embora a mudança de paradigma estivesse presente nesta proposta, a sua atuação revelou-se de pouco sucesso, tendo tido poucos casos de atuação efetiva. Destes casos há que destacar o da Maison de la Culture de Firminy, que ainda se mantém nos dias de hoje. Projetada por Le Corbusier, este caso de sucesso está associado a um vasto conteúdo

programático, sendo este de caráter cultural e desportivo.

MoMA e MoMA PS1

Paralelamente, nos Estados Unidos, surge a rejeição do museu contemporâneo. Este, influenciado pelas novas linguagens exploradas pelas vertentes artísticas da época, apresentava-se com uma linguagem bastante minimalista, onde a cor branca era predominante no espaço expositivo, causando assim uma descontextualização temporal e espacial das obras expostas. Esta rejeição surge principalmente pela abordagem arquitetónica que Philip Goodwin e Edward Stone escolheram ao projetar o espaço para o MoMA.

O MoMA, ou *Museum of Modern Art*, surge em Nova Iorque, em 1929 como sendo o primeiro museu feito exclusivamente para acolher obras de arte moderna. Após ocupar vários espaços, esta instituição, fundada pela filantropa Abby Rockefeller, adquire um lote em Manhattan em 1939, do qual irá edificar pela primeira vez um espaço feito de raiz. Este novo espaço iria explorar todas as premissas da era moderna e iria refletir isso na sua arquitetura. O tema escolhido foi o carácter metropolitano do centro de Nova Iorque. Na envolvente deste quarteirão podíamos observar o constante trânsito e buzinar dos carros, a deslocação frenética da multidão, a constante agitação inerente a uma grande cidade como Nova Iorque. Este conjunto de relações procurou ser explorado ao máximo, enfatizando assim a era moderna e renunciando o estigma do templo neoclássico.

A renúncia à escadaria principal, espaço de transição para a entrada dos espaços expositivos, deu lugar a uma abertura da exposição diretamente ao nível da rua, levando assim a cinética do quotidiano ao seu interior. A sua disposição vertical, embora sempre condicionada com a implantação,



Ilustração nº6
Vista do MoMA



Ilustração nº7
Jardins do MoMA



Ilustração nº8
Exposição temporária no MoMA PS1



Ilustração nº9
Exposição temporária no MoMA PS1



Ilustração nº10
Exposição temporária no MoMA PS1

procurou organizar os seus espaços de forma idêntica aos restantes edifícios. O seu programa museológico era complementado apresentando espaços como um café, uma biblioteca e um restaurante. O seu conteúdo expositivo também procurava enfatizar esta ode à vida moderna, focando-se maioritariamente em exposições de carácter temporário e procurando explorar vários ramos artísticos para além da escultura e pintura, tais como fotografia, arquitetura, filme e design. Este conjunto de particularidades reflete a procura da reinvenção do templo que era o museu neoclássico, procurando dar lugar à arte moderna. No entanto, toda esta procura levou a que o branco e o abstrato introduzidos nas zonas expositivas descontextualizasse a arte exposta e o mimetismo exagerado do quotidiano da vida moderna surgisse como um *showroom*, entrando assim em conflito com as exposições.

Como alternativa à não empatia pelas instituições museológicas, a comunidade artística vira-se para os subúrbios de Nova Iorque, começando assim a ocupar espaços alternativos, tais como armazéns vazios ou antigas fábricas, formando autênticos anti-museus como forma de rejeição do museu moderno. Em função das ideologias desta nova vertente e tendo em conta as potencialidades do meio artístico de Nova Iorque, surge numa antiga fábrica em Queens, na década de 1970, sob iniciativa do *Institute of Art and Urban Resources Inc*, a *Public School 1*, ou PS1. Este projeto visava o estudo, pesquisa e experimentação da arte, apresentando programa suficiente para integrar várias vertentes artísticas. O sentido comunitário que este projeto introduziu revelou-se crucial, transformando assim esta instituição museológica num centro educativo permanente e num centro cultural acessível a todos.

Embora o surgimento da PS1 tenha vindo como contestação ao paradigma apresentado pelo MoMA, o seu sucesso no campo das áreas experimentais e a sua integração na comunidade artística

foi tal, que este é adquirido pelo MoMA no ano de 1999, provando assim o seu conceito.

Os reflexos da mudança de paradigma dos espaços de arte

As respostas francófonas e anglo-saxónicas face à evolução do museu, foram cruciais na mudança de paradigma dos espaços de arte e tornaram-se movimentos pivotantes face a esta transição ideológica. As preocupações de cada uma destas respostas complementam-se, focando a primeira na integração cultural e participação da população e a segunda no alargamento do espaço representacional do museu e na importância do local onde a arte é exposta. Estas, alargaram o conceito de museu para além de um espaço expositivo, mostrando um movimento alternativo que procurava complementar as lacunas apresentadas pelas instituições museológicas. Esta libertação da arte mostra que um espaço expositivo pode ser um espaço que, para além da efetiva exposição de arte, aborda questões sociais, que nos transmite conhecimento e une a comunidade artística, ou seja, o conjunto de respostas aqui apresentado introduz a possibilidade de novas formas de expor arte, interligando assim a comunidade, com as instalações e com o espaço em questão de uma forma intrínseca.



Ilustração nº11
Lisboa, Vale de Chelas, Ortofotomapa 1947, IGeO
- Instituto Geográfico do Exército

Capítulo II : Caracterização do Local

“Vamos passar uma área que oferece dois aspectos distintos; um amassado de tradição devota e solarenga, outro feito de agitação operosa e remissa dos pecados da opulência”

- Norberto de Araújo, Peregrinações em Lisboa, Volume XV, 1939, pág. 8

O surgimento do Caminho do Oriente

A conquista da cidade de Lisboa teve início a 1 de julho de 1147 e durou até 21 de outubro do mesmo ano. Com este feito, Dom Afonso Henriques conseguiu expandir as cruzadas cristãs, que procuravam conquistar toda a península ibérica, progredindo mais para sul. Assim começou a história da capital de Portugal, Lisboa. Logo após a conquista, Dom Afonso Henriques doou à *Mitra de Lisboa todas as rendas e terras de Marvila que possuíam as Mesquitas dos Mouros*⁵. A Herdade de Marvila abrangia uma área que é difícil de determinar com rigor nos dias de hoje⁶, no entanto podemos garantir que seria uma área extensa e podemos especular que se alongava entre o convento do Beato e o Poço do Bispo. Posteriormente metade desta propriedade foi partilhada entre os cônegos da Sé e dividida em trinta e uma porções. Este desenrolar de acontecimentos marca a génese do Caminho do Oriente que hoje conhecemos.

Para além desta doação de terrenos, a zona Oriental de Lisboa sempre foi de extrema importância no que toca a rotas de comércio, devido a um conjunto

⁵CUNHA, Rodrigues; História Eclesiástica da Igreja de Lisboa (1642); pág. 69 e seguinte

⁶Ver ilustração nº 14, na página 17

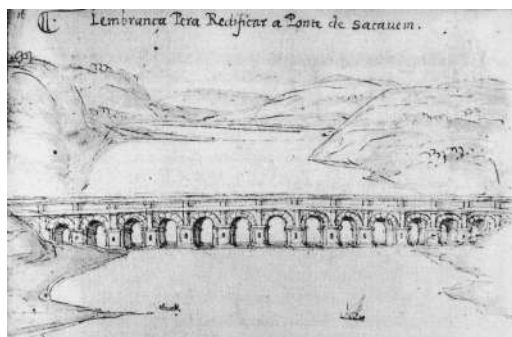


Ilustração nº12

1571, Ilustração de Francisco de Holanda da ponte de Sacavém: uma antiga ponte de Origem Romana, ponto de passagem essencial das rotas comerciais aqui feitas



Ilustração nº13

Azinhaga das Bruxas; Autoria de Cesaltina de Olhares.com

⁷FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge; Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial (1999) pág. 13

de características geográficas que este local dispõe, tais como a sua proximidade ao rio Tejo e à morfologia do terreno circundante. Ao longo da rota de comércio, que aqui se instalou desde a ocupação Romana, começaram a surgir pequenas quintas de lazer da nobreza, transformando esta zona numa zona de recreio rural e pitoresca. O acesso a estas quintas era feito através de pequenos trilhos, que deambulavam por entre as diversas propriedades aqui existentes. Estes pequenos trilhos deram lugar a um vasto conjunto de percursos, que eram ladeados por muros que delimitavam o limite dos terrenos das quintas de lazer, percursos esses que se tornaram num elemento caracterizador deste local: as azinhagas. Estas eram o elo de ligação entre a rota de comércio aqui estabelecida e as propriedades de recreio da nobreza.

Com a criação de locais de lazer para a nobreza instalaram-se também ordens religiosas, fundando aqui vários conventos, como por exemplo o convento das Grilas ou o convento de Xabregas, criando com eles pequenos aglomerados urbanos, como por exemplo o de Marvila. Estes aglomerados eram de extrema importância, pois eram utilizados como pontos de paragem e reabastecimento das caravanas que percorriam a rota de comércio do Caminho do Oriente.

Ao longo da orla costeira encontrávamos (...) *margens irregulares, praias onde de lugar em lugar havia pequenos cais correspondentes a lugares – Xabregas, Poço do Bispo - ou pertencentes a antigas ou novas quintas, construídas em pedra ou em madeira. Nas praias (...) o ambiente fluvial predominava e as boas condições ecológicas e naturais convidavam ainda ao seu aproveitamento e para banhos e lazer*⁷. Estes cais eram a porta de entrada de diversos produtos com destino a Lisboa, vindos de zonas como Abrantes ou Santarém, sendo estes o ponto de ligação entre as rotas de comércio marítimo com as rotas de comércio terrestres.

O Desenvolvimento da zona Portuária e da Indústria

Em meados do séc. XVIII é criado um documento com o intuito de dividir a quinta de Marvila. Este documento é o *Mapa dos Foros de Marvila*. Datado de 1752, é o documento escrito mais antigo que procura fazer uma análise detalhada e descritiva que, embora tenha sido elaborado sem grande rigor, é de extrema importância, pois permite observar que grande parte da morfologia constituinte desta zona já estava definida. Com a divisão dos foros de Marvila, veio a alta burguesia para a zona do Caminho do Oriente e com esta, as quintas de recreio deram lugar a pequenos empreendimentos fabris, estando estes associados ao (...) *desenvolvimento do comércio atlântico e ao florescimento de uma Burguesia comercial ligada ao Brasil e às matérias-primas coloniais – tabaco, algodão, açúcar. Os interesses do tabaco, por sua vez, articulava-se com os do sabão, para cujo fabrico era necessário azeite. Ora em toda a área agrícola do termo de Lisboa, havia olivais e lagares de azeite em abundância que permitiram fixar algumas regras de exploração deste combustível.* (...) ⁸. Esta lógica rural com pequenos apontamentos de comércio manteve-se até meados do séc. XIX, quando foi instalada nesta zona a primeira via de Caminho-de-Ferro de Portugal que ligava Lisboa ao Carregado. A nova infraestrutura promoveu o desenvolvimento de um novo tipo de atividades produtivas que necessitavam de bastante mão-de-obra, mudando assim o perfil populacional desta zona, densificando-o em pequenos aglomerados denominados de vilas operárias e dando lugar a uma diferente classe social: o proletariado.

Uma característica que nos dias de hoje é sentida é a falta de um planeamento urbano e as consequências desse. Por um lado a introdução do Caminho-de-Ferro em Portugal impulsionou o país para a era moderna, trazendo um grande estímulo na economia e todas as características inerentes ao *boom* da revolução industrial, por outro, a sua estereotomia de carácter linear rompeu por absoluto

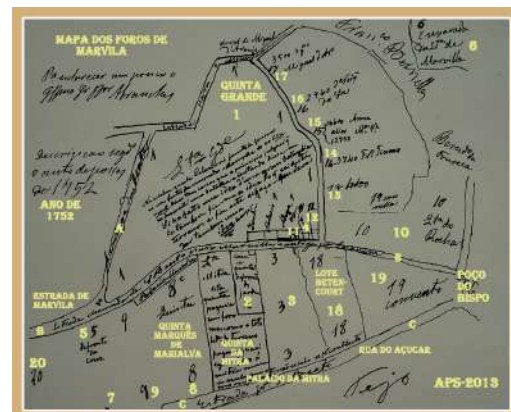


Ilustração nº14

(1752) Mapa dos Foros de Marvila. Na legenda podemos observar os seguintes pontos

- 1- Palácio e Quinta de Marvila
 - 2- Casas defronte do Jardim
 - 3- Courela defronte do pátio
 - 4- Três moradas de casas na “rua direita de Marvila”
 - 5- Quinta defronte da cruz ao sair da azinhaga das fontes
 - 6- Vinha chamada de Calçada
 - 7- Casas na rua de São Bento dos Lóios
 - 8- Quinta e palácio dos marqueses de Marialva
 - 9- Luis da Costa Campos
 - 10- José da Rocha de Vasconcelos
 - 11- Padre Estêvão Pissola
 - 12- João de Oliveira
 - 13- Padre Gabriel da Silva
 - 14- Francisco Tinoco
 - 15- Luís da Costa
 - 16- José Teixeira da Silva
 - 17- Doutor Miguel de Araújo
 - 18- Quinta do Bettencourt
 - 19- Convento da Nossa Senhora da Convenção de Marvila
 - 20- Quinta das Murtas
- A- Azinhaga das Fontes (atual azinhaga dos alfinetes)
 B- Estrada de São Bento para Marvila e antiga para Sacavém
 C- Estrada para o Beato (atual rua do açúcar)

⁸FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge; Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial (1999) pág. 14

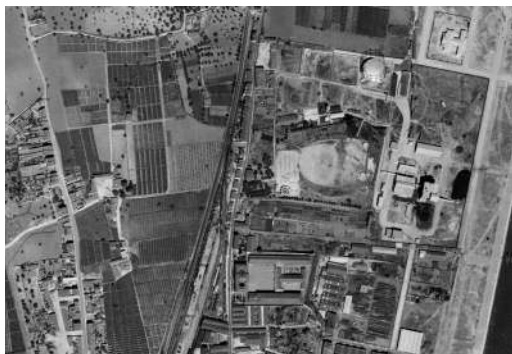


Ilustração nº15
Fragmentação provocada pelo
Caminho-de-Ferro em Braço de Prata;
1947, Ortofotomapa, IGeO - Instituto
Geográfico do Exército



Ilustração nº16
(Início do séc XX) Vila Dias, Beato

os pequenos aglomerados existentes, fazendo com que toda a estrutura urbana inicialmente definida, de carácter orgânico, fosse cortada, seccionando-a assim em duas e fazendo com que esta se tornasse obsoleta. Em adição a esta consequência, a extinção das ordens religiosas, no ano de 1834, contribuiu para que doravante a única classe social predominante da zona fosse o proletariado.

Os pequenos armazéns de comércio de açúcar e especiarias provenientes do Brasil e da Índia deram lugar a uma indústria mais massificada, indústria essa que favoreceu a economia e a oferta de emprego na zona do Caminho do Oriente. Com a necessidade urgente de criar novos alojamentos para uma população operária em rápido crescimento assistiu-se também a um processo de adaptação e construção de novos edifícios habitacionais de tipologia plurifamiliar. Foi no âmbito deste fenómeno que, com o patrocínio dos grandes industriais, surgiram as denominadas vilas operárias, caracterizando-se por três fenómenos de construção: a transformação de antigos palácios, abandonados ou vendidos pela nobreza; a reestruturação de conventos de ordens religiosas, agora extintas; e numa terceira solução, mais modesta e precária, os famosos pátios e vilas operárias que ocupavam de forma intensiva os logradouros dos edifícios principais.

Apesar do conjunto de alterações urbanas ocorridas ao longo desta zona e com exceção à rede ferroviária, as redes originais mantiveram a sua morfologia, sendo ela assim praticamente inalterada até à segunda metade do séc. XX, fazendo com que seja reconhecível o local onde se cruzavam as antigas vias e a evolução da estrutura edificada ao longo dos anos.

O grande aterro de Lisboa e a construção dos terminais de multiusos do Beato e do Poço do Bispo vieram reforçar o carácter industrial imposto nesta zona pelo Caminho-de-Ferro, rompendo com a escala rural até então aqui vivida e dando

lugar a (...) outras realidades para o crescimento do volume de negócios e mercadorias. O conceito de escala impõe-se na margem exigindo obras que facilitem a acostagem de cargueiros de grande tonelagem. Esse modelo encontra-se projectado no Plano de Melhoramentos de 1946. Mas os efeitos da escala ainda tardam, pois a revolução da contentorização só se impõe no Porto de Lisboa, a partir de 1970⁹. Esse é o momento da criação de uma autêntica barreira física na Lisboa ribeirinha desde Cabo Ruivo, até à Alfândega.

A nova realidade fora motivada pela industrialização, mas age constantemente sobre a própria densificação da implantação das indústrias no mesmo espaço. Exige acessibilidades próprias, já não as ferroviárias (...) Tudo contribuía para a moldação dos efeitos portuários desde a produção de alcatrão na Matinha à refinaria de petróleo em Cabo Ruivo, à localização de empresas de transporte nos Olivais até às novas máquinas de asfaltar. Acompanhando o traçado rectilíneo das margens ribeirinhas – obra de engenheiros hidráulicos – rasgava-se a Avenida Marginal, a Infante D. Henrique – obra de engenheiros de estradas. Os espaços entre as antigas fábricas e oficinas (situadas na convergência dos seus factores de sucesso) e a linha do novo porto tornaram-se propícios a uma certa planificação de localizações industriais¹⁰. Este período é o ponto alto de prosperidade da industrialização do Caminho do Oriente. Com inúmeras fábricas a produzir bens para o Estado Novo, tais como a Companhia dos Fósforos, a Tabaqueira, ou a Manutenção Militar. Entre as décadas de 40 e 70 não havia indícios de que este período de prosperidade fosse ter um fim, ou um desfecho tão repentino como o que aconteceu. De acordo com o inquérito Industrial de 1972, executado pelos PLANOP¹¹, o Caminho do Oriente apresentava 270 empresas, cerca de 11400 postos de trabalho em indústrias transformadoras e 21000 postos de trabalho em sectores administrativos e de comércio, no entanto, a 25 de Abril de

⁹FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge; Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial (1999) pág. 18



Ilustração nº17
Fábrica de pão da Manutenção Militar

¹⁰FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge; Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial (1999) pág. 18

¹¹PLANOP: Planos de Operações



Ilustração nº18
(anos 1990) , Zona Oriental de Lisboa, onde
hoje encontramos o Parque das Nações.

¹²EXPO, ou Exposição Mundial, engloba e debate temas focados num período ou numa questão específica da humanidade. Para distinguir as exposições mundiais de exposições mais pequenas, um dos requisitos é que sejam construídos pavilhões de raiz, levando assim a que exista um concurso entre as nações interessadas. No caso da EXPO 98, a cidade escolhida foi Lisboa e o tema foi “Os oceanos: um património para o futuro”.

¹³OCHOA, Ana Rita; Dinâmicas e Crescimento em Metrópoles Portuárias: Tensões a Oriente da Cidade de Lisboa; (2005) pág. 30

1974, com a revolução dos cravos a por um ponto final ao Estado Novo, grande parte das fábricas deixaram de ser financiadas e foram obrigadas a encerrar. A este fenómeno aliou-se a migração de várias empresas para a periferia da Grande Lisboa. O repentino processo de desindustrialização fez com que toda a zona oriental entrasse num processo de retração até ao final da década de 90.

Contextualização atual do Caminho do Oriente

No virar para a década de 90, a cidade de Lisboa teve a oportunidade de conciliar o desequilíbrio urbano que apresentava através do projeto da EXPO 98¹². A sua malha urbana apresentava uma forte desfragmentação com uma frente ribeirinha bastante ativa na sua zona Ocidental, mas com restos de indústria obsoleta, bairros sociais e precariedade na sua zona Oriental. A orla costeira ribeirinha Oriental tinha sido ocupada por pequenos focos industriais e por aglomerados do porto de Lisboa que outrora tinham tido bastante relevância ao nível colonial, mas que após o 25 de Abril e o fim do Estado Novo tinham sido deixados ao abandono e embora fizessem parte do passado Industrial de Portugal, as suas disposições não faziam qualquer sentido num ponto de vista de valorização urbana e de espaço público. A falta de qualquer planeamento urbano e a construção anárquica nesta zona ajudou mais para a desfragmentação e desequilíbrio da malha urbana de Lisboa. Tal como Sottomayor refere: “*Lisboa habituou-se, desde cedo, a olhar de preferência para ocidente.*”

*Do mar tinham vindo os primeiros navegadores que se deixaram seduzir pela “enseada amena”. (...)” e no “(...) oriente era (...) a segurança de uma terra firme, a solidez de uma lavoura e de uma pastorícia que rendiam o sustento sem surpresas de maior quilate.”*¹³. Talvez esta segurança e falta

de surpresas não despertaram interesse e fizeram com que esta zona fosse ignorada.

O projeto da EXPO 98 surge neste contexto como uma excelente oportunidade de lançar um planeamento urbano que fosse catalisador e que introduzisse vários equipamentos ao nível social e cultural que fossem capazes de gerar sinergias e que impulsionasse a economia da zona Oriental da cidade de Lisboa, promovendo assim o turismo e o desenvolvimento económico do país. O projeto proposto teve como objetivo maximizar o efeito catalisador de uma centralidade e teve como estratégias a criação de vários centros de apoio às empresas virado para importação e exportação, a criação de áreas de investigação e formação profissional, a reordenação da Plataforma Logística de Lisboa, a criação de um espaço público ribeirinho Oriental e a oferta de alojamento num ambiente urbano focado nos estratos sociais mais jovens e de classe média.

A zona oriental escolhida para a execução do projeto da EXPO 98 foi a zona contida entre o Cabo Ruivo e Sacavém. O projeto proposto foi bem sucedido até aos dias de hoje, sendo que esta nova zona da cidade de Lisboa dispõe desde equipamentos de serviços, como o Campus da Justiça até equipamentos de cultura e lazer, tais como o Oceanário de Lisboa, ou o centro comercial Vasco da Gama, sendo que todos estes estão em plenas funções e continuam a ser pontos catalisadores desta zona da cidade.

No entanto, a zona aqui proposta a estudar continua no longo processo de retração que teve início na década de 70. Aqui, podemos observar precariedade em grande parte das habitações aqui contidas. Os aglomerados de edifícios que remetem ao passado rural desta zona estão na sua grande parte ao abandono, ou dão lugar a novas construções banais e sem qualquer consideração pelo passado histórico. A população é maioritariamente idosa e os percursos públicos não são de todo acessíveis. A rede de transportes públicos que serve esta zona



Ilustração nº19
Vista do atual Parque das Nações



Ilustração nº20
Degradação da rua Zófimo Pedroso, no Poço do Bispo



Ilustração nº21
Plano urbano projetado por Renzo Piano

é insuficiente.

Surpreendentemente existem casos de edifícios em ótimo estado de conservação e que nos mostram a riqueza e diversidade desta zona, tais como, no caso de património Industrial, a Manutenção Militar e, no caso de património Rural, o antigo centro histórico de Marvila que, embora esteja dividido em dois desde a introdução do caminho-de-ferro, ainda possui a sua morfologia original.

O Futuro do Caminho do Oriente

O fenómeno do *LX Factory* mudou por completo a zona de alcântara, dinamizando-a e criando uma nova centralidade, no entanto houve outro aspeto que introduziu que também é de extrema importância e que deverá ser tido em conta: A valorização do património Industrial. Em Portugal, tirando raras exceções, todo o edificado pertencente à era Industrial não era tido em conta nem valorizado quanto à sua possível importância histórica. No Caminho do Oriente temos bastantes oportunidades tanto de valorizar todo o espólio Industrial aqui contido, como tirar partido dele como pretexto para reintroduzir novas centralidades, estratégia essa que se começa a ver pontualmente, mas que ainda não se afirmou por completo. A proposta urbana feita por Renzo Piano introduz habitação e espaços públicos e mostramos indícios de que este longo processo de retração está em vias de se inverter.

A Fábrica José Domingos Barreiro

Já agora não nos escapa uma curiosidade bairrista: é esta taverna contígua ao Palácio, e que sucedeu à mercearia do “João da Mitra”; foi dono desta mercearia José Domingos Barreiros, homem de iniciativa, cujo nome hoje coroa uma das mais importantes firmas de vinho do Poço do Bispo (...)

¹⁴.

¹⁴ ARAUJO, Norberto de; (1939) Peregrinações em Lisboa: Volume XV; pág 76

A história da firma José Domingos Barreiro & C.^a tem início no ano de 1887, através de um pequeno negócio local, no entanto, com o súbito crescimento que se verificou, esta empresa rapidamente se tornou numa empresa de grandes dimensões. Em 1896, a empresa adquire um antigo armazém¹⁵ no Poço do Bispo e em 1928 este armazém é multiplicado num elaborado complexo com implantação de 14.000m², sendo este resultado da compra do terreno antigas firmas implantadas ao seu redor.

É neste conjunto que a partir de 1917 são construídas uma série de edificações no mesmo quarteirão. A construção do edifício e a transformação arquitetónica do grande armazém com frente para a rua Zófimo Pedroso prolongar-se-iam ao longo da década de vinte, sendo nesta época que a firma é também apetrechada com meios mecânicos que permitam mobilizar os produtos dentro dos armazéns, com um ramal de caminho-de-ferro, com cerca de vinte vagões particulares.

O edifício mais emblemático, com projeto atribuído ao arquiteto Edmundo Tavares corresponde ao da sede, onde se localizavam serviços administrativos da firma nos pisos térreos, seguidos de um conjunto habitacional. A sua fachada principal, desenvolve-se para a praça David Leandro da Silva, apresentando quatro pisos (...) *flanqueados por dois gigantes, com a zona inferior em silharia fendida, dando falso rústico, sobrepujado pela base ornada por festões e pelo falso fuste com as estrias salientes, ostentando rosetão e elementos volutados, concheados e faces femininas, na zona do possível capitel; sustenta duas pilastras, em cujo pano central se rasga óculo ovalado. No piso inferior, revestido a cantaria, surgem um portal e duas janelas rectilíneas, sublinhados por friso de cantaria em arco abatido, dando origem a uma falsa janela termal; os pisos imediatos, rebocados e pintados de amarelo, têm dois andares de sacada corrida, com barriga central, tendo a bacia assente em cinco mísulas, com o espaço entre elas ornado por elementos fitomórficos em estuque, com guarda*



¹⁵Ilustração nº22
(1837) Carta Topográfica da Linha de Defesa da Cidade de Lisboa: Neste registo podemos ver que o primeiro armazém adquirido pela sociedade José Domingos Barreiro é de construção anterior a 1835, estando este evidenciado a vermelho



Ilustração nº23
Vista das Fábricas Abel Pereira da Fonseca e José Domingos Barreiro na praça David Leandro da Silva



Ilustração nº24

Motivo em azulejo feito na fábrica de Sacavém, por A. Moutinho para a sede de José Domingos Barreiro & Cª Ltda.



Ilustração nº25

Vista do complexo fabril com destaque ao edifício da sede.

¹⁶ Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU); Ficha do Inventário do Património Arquitectónico - Fábrica José Domingos Barreiro

metálica, entrecortada por acrotérios de cantaria, capeados; para elas abrem, no segundo piso, três janelas rectilíneas com molduras simples, que se alteiam na zona superior criando um falso frontão triangular, sendo as superiores em arco abatido, com amplas molduras comuns. Todas possuem caixilharias de madeira pintadas de branco e verde e vidros simples. No piso superior, janela termal em arco abatido, as laterais com postigos rectilíneos que abrem e a central marcada por um relógio circular. O conjunto remata em cornija contracurva e espaldar recortado com as iniciais do construtor da fábrica, ladeados por vasos em forma de flor. O corpo central possui duas ilhargas curvas, mais baixas e salientes, com três pisos divididos por friso, o inferior marcado por três janelas de peitoril, a central em arco abatido e as laterais rectilíneas, todas com molduras recortadas e remate em elementos fitomórficos; o segundo e terceiro pisos são tripartidos, pela introdução de amplas colunas de fuste liso e capitéis de inspiração coríntia, assentes em plintos paralelepípedicos e mísulas curvas; no eixo central, duas janelas de sacada sobrepostas, ambas de perfil semicircular, assentes em mísula, com guarda de ferro forjado e o vão em arco abatido, rematado por cornija e folhagem, mais expressiva e com cartela no piso superior; os eixos laterais possuem janelas de peitoril sobrepostas, com molduras salientes que se prolongam em falsos brinços e com remate em folhagem. (...) ¹⁶

Para o lado da rua Zófimo Pedroso, podemos observar (...) três pisos divididos por friso saliente, cada um deles rasgado por quatro janelas rectilíneas com molduras salientes e elemento vegetalista, constituindo janelas de peitoril, e duas de sacada corrida, assente em três mísulas, no centro dos pisos superiores. Segue-se um pequeno pátio, pavimentado a alcatrão e parcialmente coberto com pala de plástico assente em estrutura de ferro, com entradas distintas, a do lado direito para o edifício principal, marcado por ampla

varanda de cantaria, com guarda balaustrada, assente em dois pilares e em coluna toscana, para onde abrem janelas e se implanta uma marquise de vidro e ferro. Nos pisos superiores, várias janelas de peitoril e de sacada, rectilíneas e de molduras simples. (...) No mesmo pátio¹⁷ abre-se (...) a entrada para os antigos armazéns, compostos por dois panos em empena angular, revelando o tipo de cobertura a duas águas individualizadas, rasgado por amplo portão rectilíneo e três janelas em arco de volta perfeita, assente em impostas salientes e molduras de cantaria, protegidas por grades de ferro pintadas de verde. O edifício do armazém forma uma ampla frente, rebocada e pintada de amarelo, possuindo, nos extremos, amplo vão em arco abatido, protegido por portão de ferro, excepto o do lado direito, entaipado, integrando uma pequena porta com o mesmo perfil, também entaipada, sublinhado por cornija, assente em pequenas mísulas laterais, encimado por óculo quadrilobado, envolvido por moldura de estuque circular, de onde emerge mísula que sustenta a cornija do remate e um pequeno espaldar de perfil curvo. O pano central, rematado em cornija, é encimado por doze janelas rectilíneas e jacentes com molduras de cantaria recortada.¹⁸

A frente edificada sobre a rua Fernando Palha resulta da articulação de um edifício de habitação coletiva, com uma banda de edifícios de armazenagem, contendo estas habitações no segundo piso e sótão. O primeiro é composto por três pisos, com dois estabelecimentos comerciais no piso térreo e dois fogos de habitação em cada um dos restantes pisos. Apresenta uma fachada bem desenvolvida, rebocada e pintada com uma composição simétrica de vãos.

O conjunto seguinte trata-se de (...) *edifícios residenciais e oficinas, constituindo cinco panos distintos, rebocados e pintados de amarelo, excepto o do extremo direito, pintado de branco. Cada um deles possui remate em platibanda e, ao centro, espaldar recortado e curvo, ostentando*



17a Ilustração nº26
vista do pátio



17b Ilustração nº27
vista do pátio numa diferente perspetiva

¹⁸ Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU); Ficha do Inventário do Património Arquitectónico - Fábrica José Domingos Barreiro



Ilustração n°28

Vista atual de um armazém do complexo, já desocupado.

¹⁹ Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU); Ficha do Inventário do Património Arquitetónico - Fábrica José Domingos Barreiro

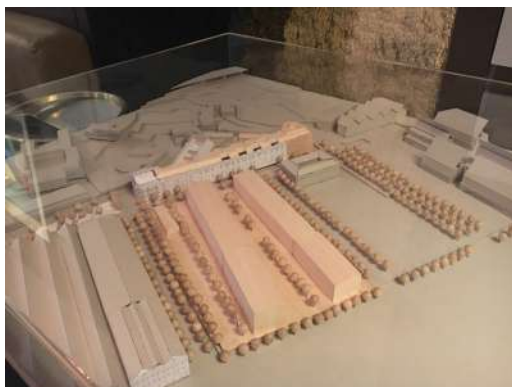


Ilustração n°29

Proposta de habitação para a fábrica José Domingos Barreiro

almofadado e rematado por cornija. Possuem portas de acesso em arco de volta-perfeita e moldura simples, portão de acesso ao armazém com o mesmo perfil, nalguns casos ampliado e transformado em amplo portal rectilíneo, e janela de peitoril em arco de volta perfeita; o piso superior é marcado por janela de sacada corrida na zona central, para onde abrem duas portas-janelas, ladeadas por duas sacadas individuais, as centrais assentes em três modilhões, sendo todos os vãos em arco de volta perfeita, com fecho saliente e moldura simples, a maioria com caixilharia de madeira, mas alguns ostentando caixilharia de alumínio, simples ou lacada. Alguns dos portais inferiores possuem bandeira vazada, onde surgem as iniciais “JDB&C 1917” e outros mais simples, com as iniciais “JDB” nas folhas e a data “1918” na bandeira. (...) ¹⁹

A proximidade entre os diferentes serviços do complexo foi uma decisão estratégica que se mostrou bastante rentável para a atividade, fazendo assim com que a firma tivesse a oportunidade de se mostrar presente em importantes eventos tais como a *Feira de Amostras de Produtos Portugueses de Angola e Moçambique, em 1932*.

Em 1982, a firma passa de sociedade limitada a sociedade anónima e encerra atividades na sua fábrica do Poço do Bispo. Doravante, todo este conjunto de instalações é alugado a vários tipos de empresas de diversos setores, passando por aqui desde oficinas automóveis, a bancos até inícios do séc. XXI.

Recentemente foi apresentado à fundação José Domingos Barreiro um projeto para esta fábrica destinado a habitação, sendo este uma possível ameaça ao património industrial aqui presente, no sentido em que é sugerida uma demolição de grande parte do complexo fabril

Considerações finais do Caminho do Oriente

O conjunto de fatores aqui evidenciados revela que a zona ribeirinha oriental de Lisboa apresenta condições urbanas com bastante interesse, sendo estas definidas por um palimpsesto gerado pela sobreposição de uma malha rural orgânica com uma malha industrial racional. A presença de elementos únicos, tais como o vasto património industrial e as azinhagas contribui para a individualidade da cidade de Lisboa, elementos esses munidos de um grande potencial para gerar conteúdo catalisador que crie novas centralidades.



Ilustração nº30
Vista da fábrica de Zollverein

Capítulo III : Casos de estudo

Complexo de Zollverein, Essen

A região de Ruhr, na Alemanha, foi completamente transformada após a revolução industrial. As suas características geográficas e geológicas foram ideais para o desenvolvimento da exemplar paisagem industrial que hoje podemos observar. Com depósitos de carvão dispostos linearmente ao longo da bacia hidrográfica do rio Reno, instalou-se uma exploração exaustiva deste minério desde o final do séc. XVIII, sendo próprio rio a via de exportação. A paisagem rural deu lugar a uma densa paisagem industrial, sendo esta a maior área metropolitana da Alemanha e definida por várias cidades tais como Dortmund e Essen. A área metropolitana de Rhur tem nos dias de hoje uma população de cerca de 8.500.000 habitantes.

Até à década de sessenta do séc. XX, a região de Rhur apresentou sempre um acentuado crescimento, tendo esta uma relevância importante para o desenvolvimento da Alemanha, no entanto, com a ascendência de outras fontes de energia, tais como o petróleo, ou até mesmo a chegada de carvão, proveniente de países emergentes como a Índia, a preços reduzidos, levou ao declínio da outrora próspera indústria desta região Alemã.

Com uma enorme área metropolitana fragmentada e cheia de antigos vazios industriais sem uso, foi concebido em 2003 um plano que visasse a inversão do ciclo de retração verificado, tendo sido este inovador e revolucionário: a bacia hidrográfica de Ruhr dá lugar à cultura, à arte e ao desporto, sendo o património industrial o impulsionador deste novo paradigma através da reutilização e valorização dos espaços outrora obsoletos e é neste contexto que surge o complexo de Zollverein.

O complexo fabril de extração de carvão de Zollverein foi fundado em 1847 na cidade de Essen por Franz Haniel e verificou um acentuado



Ilustração nº31
Localização da região de Ruhr

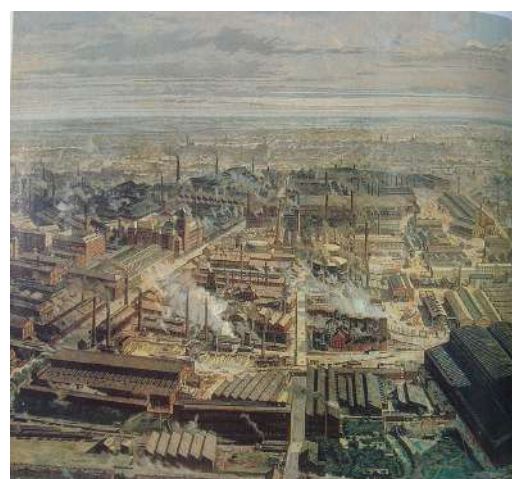


Ilustração nº32
(Séc. XIX) Ilustração da zona industrial de Essen



Ilustração nº33
Vista da fábrica de Zollverein



Ilustração nº34
Setor 12, projetado ao estilo Bauhaus

crescimento ao longo da sua vida de produção, sendo este o maior complexo de extração de carvão da zona de Ruhr, contendo um total de 12 setores. Em 1968 começa o declínio da indústria na zona, com o complexo de Zollverein a fechar por último em 1993. Em 2001 a UNESCO dá o estatuto de património mundial.

Atualmente o complexo dispõe de um programa educativo e cultural, contendo este duas universidades, mais nomeadamente o *Sanna's Zollverein School*, uma universidade de design e administração e a *PACT Zollverein*, que se foca em dança performativa e artes multimédia; uma área de restaurantes; um casino; um complexo museológico, contendo neste o *Zollverein Museum*, que se foca na história da indústria mineira e relembra o passado recente deste complexo e o *Red Dot Design Museum*, o maior museu de design do mundo; *workhubs* com incubadoras de empresas relacionadas com arte e vários espaços públicos.

Em 2010, Essen foi selecionada como capital Europeia da cultura, afirmando mais uma vez o património industrial como elemento catalisador para a criação de novas centralidades no núcleo urbano.

SESC Pompeia, São Paulo

Situada na zona ocidental da cidade de São Paulo, no Brasil, esta antiga fábrica de diversos produtos, encontra-se na vila Pompeia, um bairro que sempre teve fortes tradições industriais. Com o processo de desindustrialização da zona, houve a necessidade de um programa cultural público e é neste contexto que surge o SESC Pompeia, reunindo espaços de restauração, salas de exposições, complexos desportivos polivalentes, teatros, etc.

Este complexo cultural, tal como o nome indica, foi projetado em nome do SESC, o Serviço Social do Comércio que é uma instituição privada que atua em todo o solo Brasileiro na promoção do bem-estar social dos seus empregados e familiares. A arquiteta responsável pelo projeto do SESC Pompeia foi Lina Bo Bardi, tendo começado com a intervenção por volta de 1977 e aberto ao público em 1982. A proposta elaborada por Lina Bo Bardi surge em função de uma homenagem ao passado industrial, tendo como base todo o conjunto de elementos que o definem, reaproveitando grande parte do existente e acrescentando dois novos volumes de betão, sendo um deles de predominância vertical e que contem no seu programa a zona desportiva. Deste volume surgem percursos que ligam os dois edifícios novos como uma alusão às passadeiras de transporte de uma fábrica. Em todo o projeto podemos observar elementos alusivos ao passado industrial tais como grandes espaços interiores abertos, tijolo de burro, ferro e betão.

Atualmente o SESC Pompeia é apresentado como um importante centro cultural e recreativo da zona ocidental e São Paulo, tornando-se assim numa zona central da vila Pompeia e afirmando-se como um elemento catalisador da cidade.



Ilustração nº35
SESC Pompeia



Ilustração nº36
Vista dos Armazens



Ilustração nº37
Vista do pórtico de entrada do LX Factory



Ilustração nº38
Atividades comerciais do LX Factory numa
feira de domingo

LX Factory, Lisboa

O início do desenvolvimento Industrial da zona de Alcântara deu-se após o terramoto de 1755. O facto desta zona ter sido pouco afetada pelo terramoto fez com que uma parte considerável da população se instalasse aqui. Com a nova população, instalaram-se várias fábricas por ordem do Marquês de Pombal. Cerca de cem anos após o terramoto, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense fixa-se em Alcântara.

O rápido crescimento da empresa fez com que houvesse a necessidade de construir mais cinco edifícios, tendo sido estes construídos entre 1851 e 1855 e a construção de uma vila operária para albergar os trabalhadores e as suas respectivas famílias, construções essas que após a sua conclusão concluíram o perímetro que hoje define o LX Factory. No início do séc. XX, com a crise económica de 1917, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense entra em processo de dissolução e dá lugar a empresas como a Companhia Industrial de Portugal e das Colónias, a Tipografia anuário Comercial de Portugal e a Gráfica Mirandela, tendo estas um período de atuação relativamente curto com a ultima a deixar as instalações há pouco tempo.

A empresa *MainSide Investments SGPS S.A.* compra este conjunto fabril no início do séc. XXI com o intuito de construir uma nova urbanização em Alcântara, tendo solicitado projetos a arquitetos como Siza Vieira, no entanto, com o início da crise económica de 2008, nunca se chegou a fazer qualquer obra nesta zona. De modo a tentar rentabilizar o investimento feito com a compra do conjunto fabril, a *MainSide Investments SGPS S.A.* promoveu o espaço através da criação de *WorkHubs* e incubadoras de empresas *Startup*, apelidando de LX Factory. Esta promoção mostrou-se bastante rentável e prossegue até aos dias de hoje, dispondo de vários tipos de espaços públicos contidos nas antigas instalações fabris, sendo estes, espaços de restauração, exposição de arte, comércio e de trabalho.

Matadero, Madrid

O Matadouro Municipal e Mercado de Gados de Madrid nasce no ano de 1908, projetado por Luis Bellido. Em 1925 são feitas obras de ampliação, aumentando a sua implantação para 165.000m². A sua situação deriva da proximidade ao rio Manzanares e à rede de caminho-de-ferro, bem como a ocupar terrenos municipais suficientemente afastados do núcleo urbano e da população para poderem receber esta função menos honrosa entre as restantes tipologias de cariz publico.

As naves, feitas a tijolo de burro e com estilo neoárabe eram organizadas militarmente cumprindo as funções necessárias à complexa máquina industrial que culmina no abastecimento de carne à população de Madrid. Até 1966, ano definitivo do encerramento destas instalações, é notável uma gradual perda de funcionalidade dos edifícios que definiam o complexo, tendo-se iniciado durante as décadas de setenta e oitenta várias intervenções que já indicavam a nova natureza ocupacional que estava destinada às instalações. O edifício da direção do antigo matadouro albergou a sede da Junta Municipal, enquanto a nave de venda de bezerros recebeu funções da ordem sociocultural. Já nos anos noventa os antigos estábulos foram convertidos na sede do Ballet Nacional de Espanha e da Companhia Nacional da Dança de Espanha.

No virar do século, após diversas tentativas mal sucedidas, é decidido iniciar ações que permitam a reutilização do antigo matadouro num espaço de carácter social e cultural, reforçando assim a imagem exterior da cidade com a dinamização da sua vida cultural. Em 2005 é aprovado o plano de alterações definitivo para este espaço. A regeneração do antigo matadouro municipal num centro de criação artística multidisciplinar converteu o distrito de Arganzuela num dos polos culturais da cidade, abrindo assim novos horizontes e promovendo a criatividade nas suas mais diversas expressões.



Ilustração n°39
Vista do Matadero



Ilustração n°40
Detalhe de reabilitação



Ilustração nº41
Vista da fábrica José Domingos
Barreiro

Capítulo IV: Proposta de Projeto

Elaboração e justificação do plano urbano

A zona urbana a intervir situa-se em Marvila e é definida pelo espaço envolvente da Fernando Palha, avenida Infante Dom Henrique e da rua direita de Marvila. Nesta zona verifica-se a sobreposição das diferentes malhas ao longo da história e as consequências que a ausência de um planeamento urbano traz.

O corte cirúrgico, feito pelo Caminho-de-Ferro²⁰ e pela avenida Infante Dom Henrique, originou uma desfragmentação e descaracterização da malha urbana de Marvila antiga, tendo sido esta ainda mais reforçada pela afluente circulação automóvel na rua direita de Marvila e na rua vale formoso de cima, antiga azinhaga vale fundão. Como consequência da desfragmentação aqui sentida, grande parte das habitações estão devolutas e sem comércio pois, para além das condições precárias por falta de reabilitação, a poluição sonora e a constante vibração fazem com que esta zona não tenha condições de habitabilidade. Nesta ótica, o objetivo do plano urbano aqui apresentado é devolver a identidade da zona histórica de Marvila, fazendo com que se verifiquem condições de habitabilidade e que o comércio local volte a fazer parte da sua ambiência. Um dos elementos essenciais que ficou bastante descaracterizado com estas mudanças urbanas foi o carácter de azinhaga das ruas aqui contidas, sendo que sempre que passa um veículo não existe espaço nem conforto para que se possa percorrer simultaneamente a pé. Em função disso, passamos a ter ruas mais focadas ao percurso pedonal, sendo o trânsito de veículos exclusivo a moradores. A rua direita de Marvila faz assim uso de um passeio mais largo e com uma única via de circulação automóvel. Deste modo e, proibindo o estacionamento, prevê-se um retorno do comércio aos pisos térreos, e a reabilitação



Ilustração nº42
Ortofotomapa da localização da zona urbana a intervir

²⁰Ver Ilustração nº 11, contida na pág.14



Ilustração nº43
Zona a intervir



Ilustração nº44
Cruzamento entre rua Zófimo Pedroso e rua
vale formoso de cima



Ilustração nº45
Avenida Infante Dom Henrique



Ilustração nº46
Nova via de atravessamento

das habitações até agora devolutas. Também é sugerida a construção de habitação nova nos lotes vazios. No cruzamento entre a rua Zófimo Pedroso e a rua vale formoso de cima surge uma praça, tendo esta a dupla função de destacar o encontro destas duas ruas e rematar o início do percurso exclusivamente pedonal. No troço pedonal da rua Zófimo Pedroso é feita a demolição de um lote, de modo a dar continuidade a este percurso para dentro do quarteirão e voltar a tornar a antiga praça do Poço do Bispo pública. Todos os edificios devolutos serão reabilitados de acordo com a sua estética original e sempre que possível deverão albergar um espaço de comércio no piso térreo. No caso dos edificios contidos na rua Zófimo pereira, é sugerida uma reabilitação que vise à existência de uma frente dupla, dando desse modo uso e vivência ao novo pátio do Poço do Bispo.

A avenida Infante Dom Henrique passa a conter apenas duas vias por faixa, sendo que a terceira via dá lugar a estacionamento e à colocação de vegetação, de modo a minimizar o ruído e reciclar o ar. O pavimento também é alterado, obrigando a que a velocidade de atravessamento desta via reduza consideravelmente. A zona de descampado contida entre a rua vale formoso de cima, rua Zófimo Pedroso e avenida Infante Dom Henrique recebe uma intervenção paisagística, através da adição de um percurso e de um tratamento de vegetação cuja manutenção seja o mais reduzida possível e que vá de encontro à intensão de abafar o ruído e reciclar o ar o máximo possível. Para a segunda zona de descampado, é sugerido um parque que contenha um plano desportivo, de modo a reabilitar o campo de futebol nele já contido e a adição de hortas urbanas, como alusão ao passado rural e como programa de carácter comunitário.

É criada uma nova via de atravessamento para compensar a transformação da rua vale formoso de cima numa rua pedonal. Nesta via de atravessamento também é criado um volume para estacionamento, procurando este disponibilizar o máximo

número de lugares possíveis e criar uma barreira, de modo a que todo o ruído provocado pelo atravessamento do comboio seja o mais abafado possível.

Para o quarteirão da fábrica José Domingos Barreiro é proposta a intervenção arquitetónica, tendo esta o objetivo de se afirmar como centralidade e de se mostrar catalisadora e promotora da regeneração da zona do Poço do Bispo.

Conceptualização da intervenção arquitetónica

Através da elaboração do plano urbano, foi destacada a identidade pré industrial de Marvila. Com a intervenção arquitetónica, irá ser destacado o passado industrial, no entanto, a intervenção deverá sempre relacionar-se com a envolvente e nunca entrar em conflito, cosendo assim os dois contextos históricos numa só malha urbana.

Uma particularidade da fábrica José Domingos Barreiro é o facto desta apresentar um conjunto programático misto, contendo assim armazéns, habitação social destinada aos operários que aqui trabalhavam e zona administrativa também com habitação, mas sendo esta destinada a um estrato social mais elevado. A particularidade aqui descrita é específica à fábrica José Domingos Barreiro, não existindo casos idênticos em Lisboa, ou seja, é um elemento chave que define a individualidade desta fábrica.

O programa catalisador sugerido para a zona de intervenção é de um centro cultural e de exposição de arte. A antiga fábrica de armazenagem, comércio e produção de vinhos assume-se como uma fábrica de produção e exposição de ideias. A particularidade de apresentar um conjunto programático misto mantém-se, sendo as habitações destinadas a todo o artista que queira expor e produzir a sua arte



Ilustração nº47
Plano Urbano



Ilustração nº 48
Logotipo proposto para o centro de artes do poço do bispo

durante um determinado período de tempo. A zona administrativa mantém-se com o intuito de gerir o novo complexo. Os antigos armazéns e espaços de comércio e produção de vinho dão lugar a espaços polivalentes que poderão ser utilizados como auditório, atelier, espaço expositivo ou ambos.

Desenvolvimento funcional e materialidades

A tipologia das habitações sociais destinadas aos operários apresenta várias carências ao nível de valorização de espaços e de condições de acesso. Estas carências surgem em função do confronto entre a métrica angular da antiga praça do Poço do Bispo e da nova métrica ortogonal sugerida pela rua Fernando Palha, formando assim zonas com ângulos agudos sem que seja possível qualquer tipo de rentabilização máxima das áreas dispostas. Os acessos são precários e não existe a possibilidade de adicionar ascensores. A densidade criada pelos armazéns também contribui para a desvalorização deste espaço, tendo esta sido pensada somente para a maximização da área de armazenamento e não teve em conta fatores como a iluminação natural.



Ilustração nº 49
Exemplo de uma obra feita por Gordon Matta-Clark

Face a este conjunto de situações e à intenção de reformular o interior do quarteirão como espaço público, é sugerido um novo percurso, percurso esse inspirado nas obras de Gordon Matta-Clark. Este novo percurso é feito através do corte cirúrgico dos armazéns, possibilitando assim a iluminação natural e aliviando a densidade antes sentida. As antigas habitações sociais dão lugar a um novo volume que acompanha e ladeia todo o percurso e que irá conter no piso térreo espaços polivalentes que nos transmitem a continuidade dos armazéns até à rua Fernando Palha, continuidade essa que nos irá ser transmitida através de marcações em lioz contidas no pavimento. Nos restantes pisos propõe-se habitação coletiva para albergar artistas.

O estado de conservação do edifício principal e do seguinte é razoável. Os espaços neles contidos têm interesse do ponto de vista arquitetónico, apresentando tetos com ornamentos escultóricos, murais em azulejo alusivos à atividade vinícola e o uso de madeiras nobres no pavimento e nos ornamentos. A organização tipológica também é bem conseguida, encaminhando assim este conjunto para uma reabilitação pouco interventiva. O uso dos espaços irá ser idêntico, apresentando serviços administrativos em *open space* no piso térreo do edifício principal e habitação para artistas nos restantes pisos. No caso da habitação, a proposta sugerida é que cada piso passe a ser um único fogo de habitação coletiva, mudando assim ligeiramente a tipologia anteriormente disposta.

A intervenção proposta dentro dos armazéns procura ser o mais minimalista possível e surge através do conceito de *box in a box*. O facto do novo volume se encontrar com um certo afastamento das paredes existentes é fulcral para salientar o confronto entre o novo e o existente, para gerar espaços de antecâmara e para distribuir todo o conjunto de calhas técnicas e cablagem da forma mais racional possível, de modo a que esta marque presença e faça parte da intervenção. A materialidade de *white box* é escolhida com a finalidade de que a intervenção nos dê simultaneamente uma forte presença e o mínimo ruído possível, para que nos possamos concentrar na alvenaria, nas asnas e em todo o conjunto de materialidades pré existentes que nos aludem ao passado industrial deste edifício. Ao percorrermos a intervenção, podemos sentir quatro momentos, sendo que cada um destes nos apresenta uma diferente sensação:

-O primeiro momento é sentido na deslocação do percurso “Matta-Clark” e aproximação a qualquer um dos armazéns. Este, realça a tensão e o confronto entre novo/velho através do novo volume, com uma lógica claramente contemporânea, apresentando na sua fachada materialidades de betão e ferro, e da morfologia volumétrica claramente industrial



Ilustração nº 50
Amostra de detalhes presentes no edifício



Ilustração nº 51
Vista aérea da intervenção

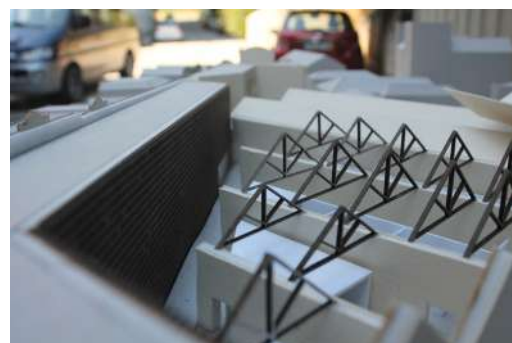


Ilustração nº 52
Percurso “Matta-Clark”



Ilustração n° 53
Relação entre a rua direita de Marvila e a intervenção

apresentada pelos armazéns.

-O segundo dá-se na chegada à antecâmara que é delimitada pela zona de cobertura sem asnas e a parede de vidro que divide o exterior do interior. Aqui podemos observar a desfragmentação da materialidade de ferro e betão contemporânea na materialidade mais histórica de madeira e alvenaria.

-O terceiro momento é sentido ao se deslocar pelo espaço polivalente, sendo este aberto por cima, apresentando o confronto do branco minimalista da *white box*, com todo o espectro industrial que aqui se pode observar.

-O quarto dá-se quando nos encontramos no final do espaço polivalente. Aqui é sentida a presença rural da zona do Poço do Bispo através da linha de força que é criada pela rua direita de Marvila e que “rompe” as paredes deste complexo fabril, trazendo-nos uma relação visual com a mesma.

O espaço polivalente é maleável em função do tipo de uso pretendido. Este pode-se subdividir até um número máximo de três espaços diferentes, através de duas paredes que se movem ao longo de uma calha técnica, dando assim o máximo número de possibilidades para os artistas que aqui irão produzir.

Este tipo de intervenção é feito em todos os armazéns com a exceção do primeiro armazém, sendo este restaurado e mantido com a mesma lógica. Esta decisão foi tida, pois é neste armazém que encontramos o restante conjunto de maquinaria que era utilizado quando este ainda se encontrava em funções. Podemos observar uma *mezzanine* que rompe pontualmente para que desçam enormes ganchos que eram utilizados para o transporte e armazenamento de pipas de vinho no piso superior. Este conjunto de elementos qualifica o espaço e vai de encontro ao terceiro momento descrito anteriormente.



Ilustração n° 54
Vista do primeiro Armazém

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo a reabilitação do património industrial. Face a esta temática, o local escolhido para intervir foi a zona oriental de Lisboa, que dispõe uma morfologia urbana bastante rica, apresentando um vasto espólio de património industrial. A análise histórica evidenciou a riqueza da malha urbana aqui presente, sendo esta definida por palimpsestos de um conjunto bastante abrangente de diferentes ocupações ao longo dos anos. A evolução deste local também nos leva a observar o constante ciclo de densificação e retração que uma urbe vai sentindo ao longo do tempo e das diferentes ocupações, mostrando assim que a cidade é um organismo dinâmico que se molda em função das necessidades da sua população.

Após a análise do local e a determinação do conjunto de necessidades agora sentidas, a proposta sugerida foi a de a introdução de um centro de artes na zona do Poço do Bispo, em Marvila. Esta proposta surge do estudo da forma como o conceito de museu evoluiu desde o séc. XX. Com o surgimento de novas ideologias e novas formas de arte, veio a necessidade de reimaginar o conceito de museu, que por sua vez acrescentou mais conteúdo a esta instituição. O museu passa de um local de mera visualização de arte para um local dinâmico, onde atua em várias frentes, sendo estas não só de carácter artístico, mas também sociocultural. O dinamismo do museu surge da necessidade de este se moldar ao contexto da sociedade atual, fazendo assim com que o conceito de museu seja algo em constante transformação.

Com o processo de desindustrialização na década de 1970, o conjunto fabril José Domingos Barreiro foi-se tornando progressivamente obsoleto, tendo sido este local de várias ocupações desde então. No entanto, o conjunto de ocupações era temporário sem carácter passível de dinamizar esta zona, ou reverter o processo de retração. Este conjunto foi

desvanecendo até que nos dias de hoje a ocupação desta fábrica é nula.

É neste contexto que surge a importância do património industrial e da reabilitação urbana. O facto de que o uso para o qual este espaço foi projetado já não seja relevante não implica que o espaço em si não seja relevante e que a sua morfologia não seja de interesse para a cidade de Lisboa. A fábrica José Domingos Barreiro conta-nos parte da história da zona oriental, quando o Poço do Bispo era um centro de firmas de produção e exportação de vinho. Faz parte do nosso património. A dissertação aqui elaborada leva a compreender que este objeto deverá ser valorizado e mantido, para que gerações futuras o possam vivenciar e consigam sentir o conjunto de particularidades que transformam esta fábrica num espaço único.

Com base nestas questões é proposto como programa catalisador para a fábrica José Domingos Barreiro um centro de artes, onde o artista não se limita a expor. O artista dorme, trabalha, vive na fábrica e a fábrica de vinho dá lugar a uma fábrica de ideias, dinamizando o Poço do Bispo e procurando maximizar o conjunto de potencialidades aqui identificadas.

O resultado final desta dissertação leva a concluir que foi bastante interessante perceber como é que a urbe se desenvolve em função das necessidades e como podemos sentir uma forte presença do passado na morfologia urbana. Que o património industrial apresenta, na sua grande maioria, o potencial para se regenerar, desenvolvendo novos programas que sejam catalisadores para a cidade e que, por conseguinte, a zona ribeirinha oriental de Lisboa tem o potencial de se tornar numa zona de enorme relevância no sentido económico e social.

Bibliografia

AA VV. (2004). *Sprawling or compact cities? Two urban models for two lifestyles*.

Forum Universal de las Culturas, Barcelona, Publishers

ARAUJO, Norberto de (1935) *Peregrinações em Lisboa*, volume XV

ASCHER, François (2008) *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos*, Lisboa, Livros Horizonte

BAPTISTA, José (2011) *Densidade e forma urbana – A densidade enquanto factor potenciador de urbanidade*, Lisboa, Tese Mestrado, UTL/FA

LE CORBUSIER. (1933) *La Ville Radieuse. Éléments d'une Doctrine d'Urbanisme pour l'Équipement de la Civilisation Machiniste*, Boulogne

FOLGADO, Deolinda, CUSTÓDIO, Jorge (1999) *Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial*; Livros Horizonte; Lisboa

MOURA, Dulce ; GUERRA, Isabel ; SEIXAS, João ; FREITAS, Maria João (2006) *A Revitalização Urbana: Contributos para a definição de um conceito operativo*

PORTAS, Nuno, (1969); *A Cidade como Arquitectura*; Lisboa, Livros Horizonte.

RAMOS, Tânia (2012), *Bairros Planeados e Novos Modos de Vida*, Olivais e Telheiras que contribuições para o desenho do habitar sustentável?, Lisboa, Editora Caleidoscópio

ROBERTS, Peter & SKYES, Hugh (2000) *Urban Regeneration: A handbook*

ROSSI, Aldo, (1977); *A Arquitectura da Cidade*; Lisboa, Cosmos

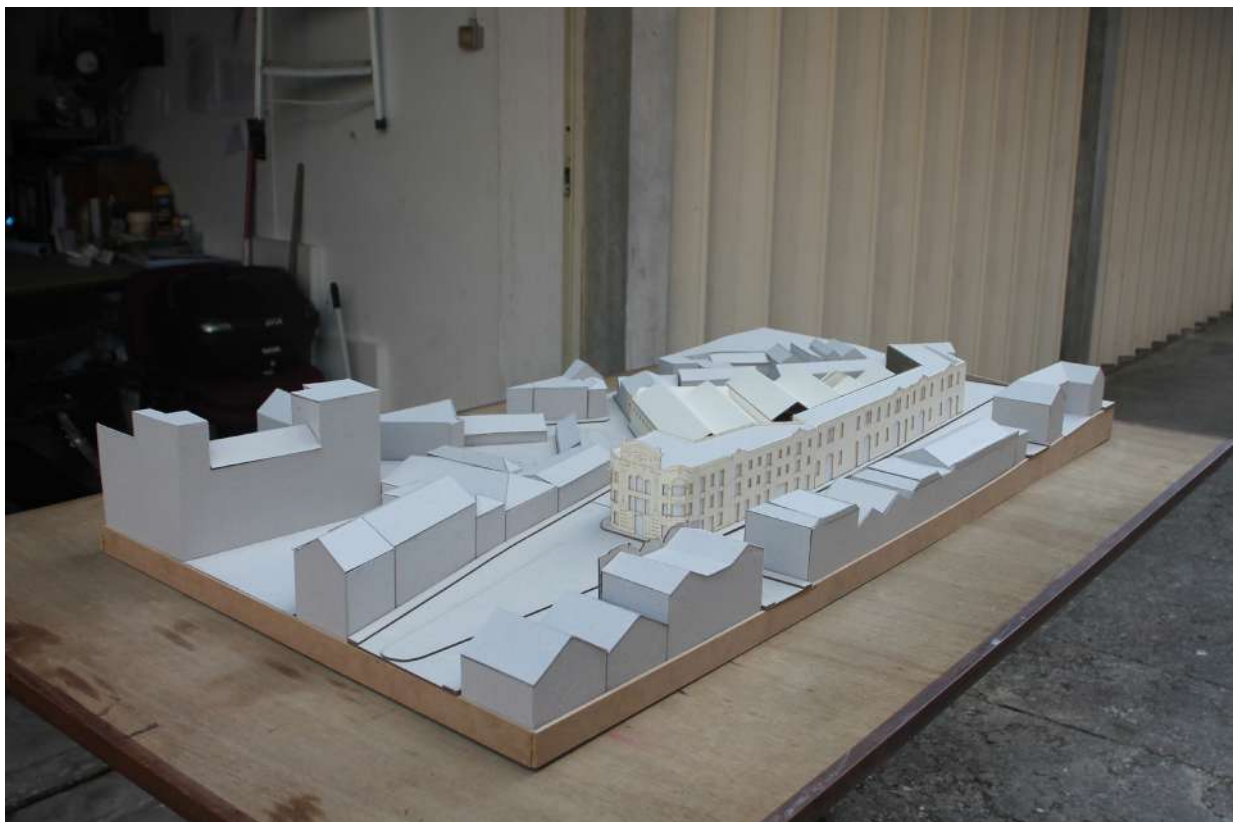
ZEVI, Bruno (2009); *Saber Ver a Arquitectura*; São Paulo, WMF Martins Fontes

<http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro>

<https://www.universalis.fr/encyclopedie/museologie/3-crisis-de-l-institution-museologique/>

Anexos

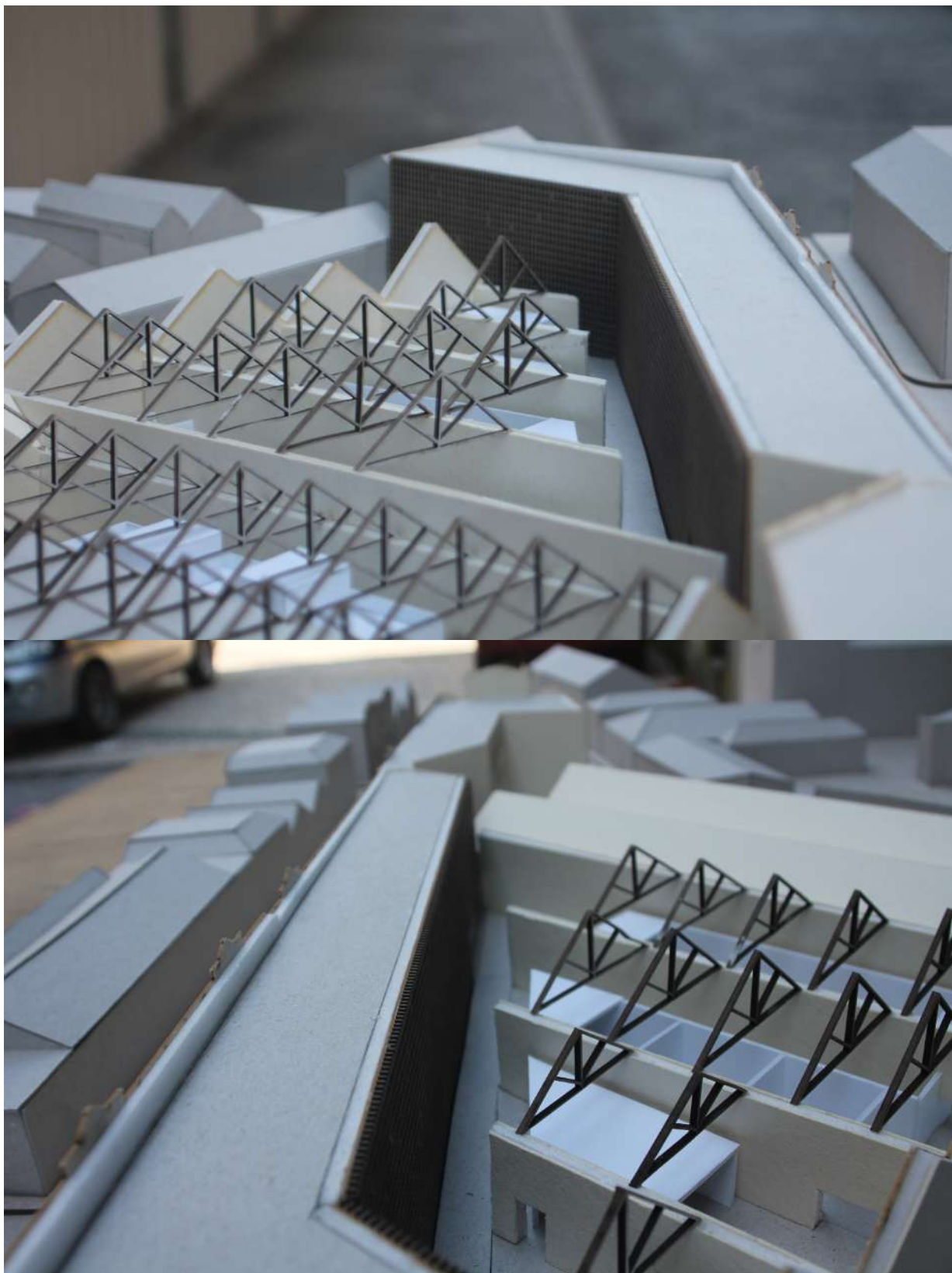
Maqueta

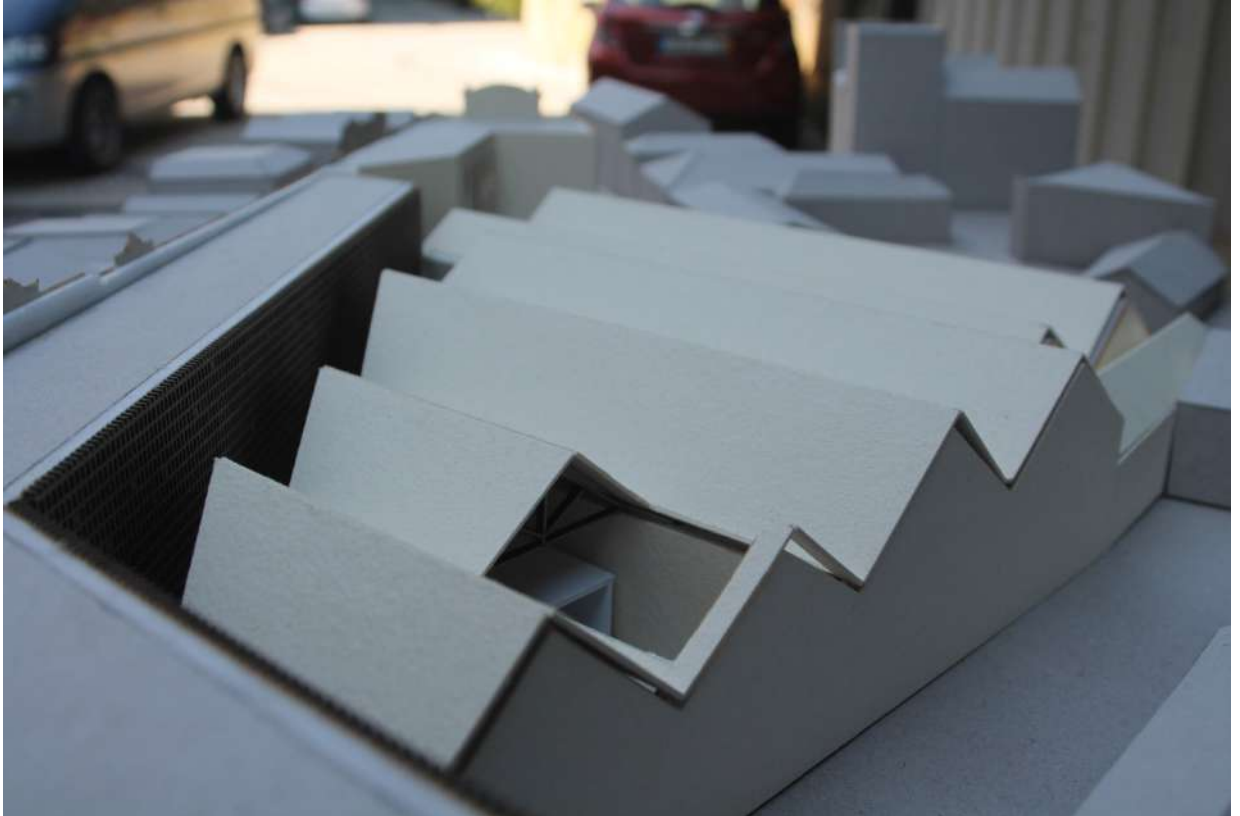




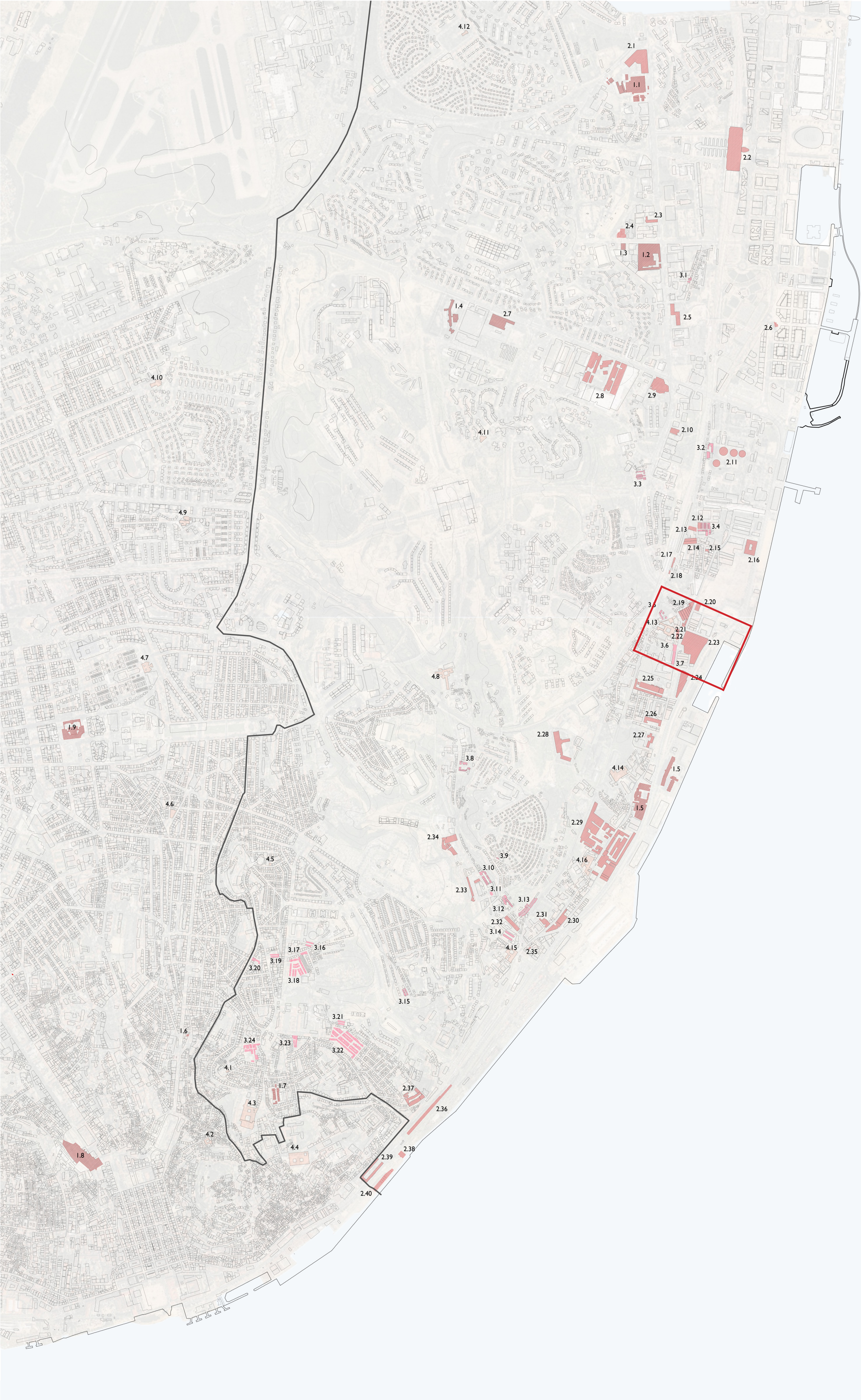








Paineis



Legenda Numérica

Património Edificado

1. Património Industrial

- 1.1. Fábrica do Consórcio Laneiro de Portugal
- 1.2. Fábrica Barros
- 1.3. Fábrica Kores Portuguesa, Lda
- 1.4. Edifício sede da RTP
- 1.5. Fábrica Nacional Companhia Industrial de Portugal e Colónias
- 1.6. Fábrica de Cerâmica da Viúva Lámego
- 1.7. Vila Berta
- 1.8. Edifício da Estação de Caminho-de-Ferro do Rossio
- 1.9. Casa da Moeda e Valores Selados

2. Património Industrial de Interesse Municipal e outros Bens Culturais

- 2.1. Edifício Industrial / Praça José Queirós
- 2.2. Estação do Oriente
- 2.3. Edifício Industrial Av. Infante D. Henrique
- 2.4. Edifício Industrial / Av. de Pádua
- 2.5. Refinaria do Cabo Ruivo
- 2.6. Torre da Sacor
- 2.7. Edifício de Serviços / Av. Marechal Gomes da Costa
- 2.8. Fábrica de Artigos Elétricos
- 2.9. Fábrica Batista Russo e Irmão
- 2.10. Fábrica Martini Rossi
- 2.11. Gasómetros da Fábrica de Gás de Portugal
- 2.12. Conjunto de Armazéns
- 2.13. Antigo Armazem
- 2.14. Armazens de vinho Sandeman
- 2.15. Armazem
- 2.16. Tabaqueira
- 2.17. Entrepósito Ferroviário de Braço de Prata
- 2.18. Estação Ferroviária de Braço de Prata
- 2.19. Conjunto Arquitetónico José Domingos Barreiro e Armazéns

Contíguos

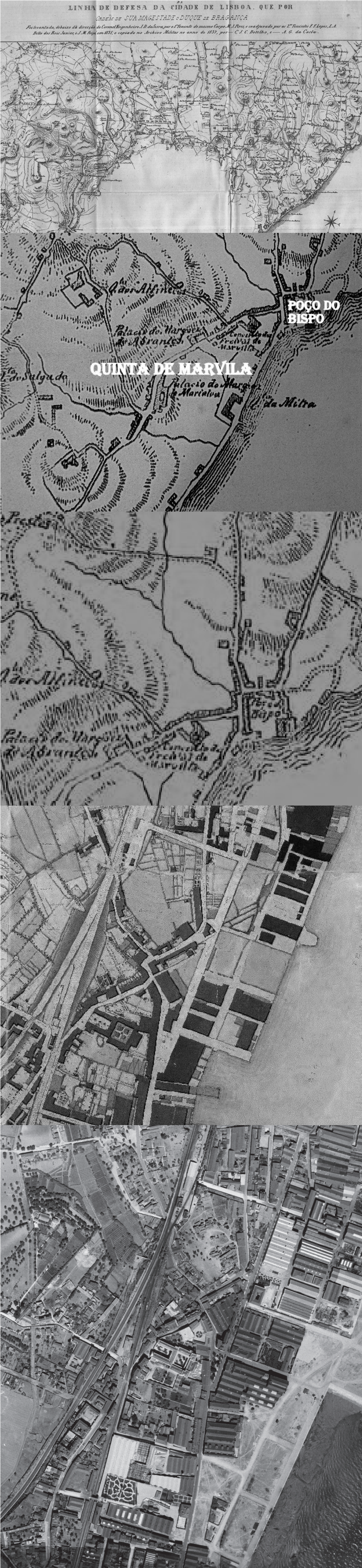
- 2.20. Fábrica do Braço de Prata
- 2.21. Edifício Adriano Pereira & Martins, Lda
- 2.22. Edifício Industrial - Clube Oriental de Lisboa
- 2.23. Armazéns da Sociedade Vinícola Abel Pereira da Fonseca
- 2.24. Conjunto de Armazéns
- 2.25. Armazéns da Fábrica de Cortiça do Palácio da Mitra
- 2.26. Antigo edifício Industrial
- 2.27. Fábrica de Borracha Luso-Belga
- 2.28. Escola Industrial Afonso Domingues
- 2.29. Conjunto Industrial da Manutenção Militar
- 2.30. Conjunto de Armazéns
- 2.31. Armazéns da Fábrica de Tabaco de Xabregas
- 2.32. Fábrica de Fiação de Tecidos de Xabregas
- 2.33. Fábrica Tinturaria Portugália
- 2.34. Fábrica Inácio Magalhães Bastos & Cia
- 2.35. Armazém / Rua de Xabregas
- 2.36. Armazéns Porto de Lisboa
- 2.37. Palácio Veloso-Rebello
- 2.38. Antigo Armazém
- 2.39. Conjunto de antigos Armazéns Portuários
- 2.40. Estação de Santa Apolónia

3. Património de Carácter Residencial

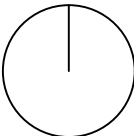
- 3.1. Vila Alegre, Santa Maria dos Olivais
- 3.2. Pátio da Matinha
- 3.3. Vila Operária Rua Vale Formoso de Cima, Marvila
- 3.4. Vila Operária Rua Vale Formoso de Baixo, Marvila
- 3.5. (Antiga) Quinta do Baptista
- 3.6. Pátio do Beirão, Rua do Açúcar, Beato
- 3.7. Vila Pereira
- 3.8. Quinta de Santa Catarina
- 3.9. Vila (da) Bela Vista
- 3.10. Vila Emília
- 3.11. Moradia de Luís Ribeiro
- 3.12. Vila Amélia Gomes
- 3.13. Vila Dias
- 3.14. Vila Flamiano
- 3.15. Vila Lopes
- 3.16. Vila Celeste
- 3.17. Vila Gadanho
- 3.18. Vila Cândida
- 3.19. Vila do Rosário
- 3.20. Vila Guilherme Rodrigues
- 3.21. Vila Macieira
- 3.22. Bairro Operário da Calçada dos Barbadinhos
- 3.23. Vila Rodrigues
- 3.24. Bairro Estrela d'Ouro

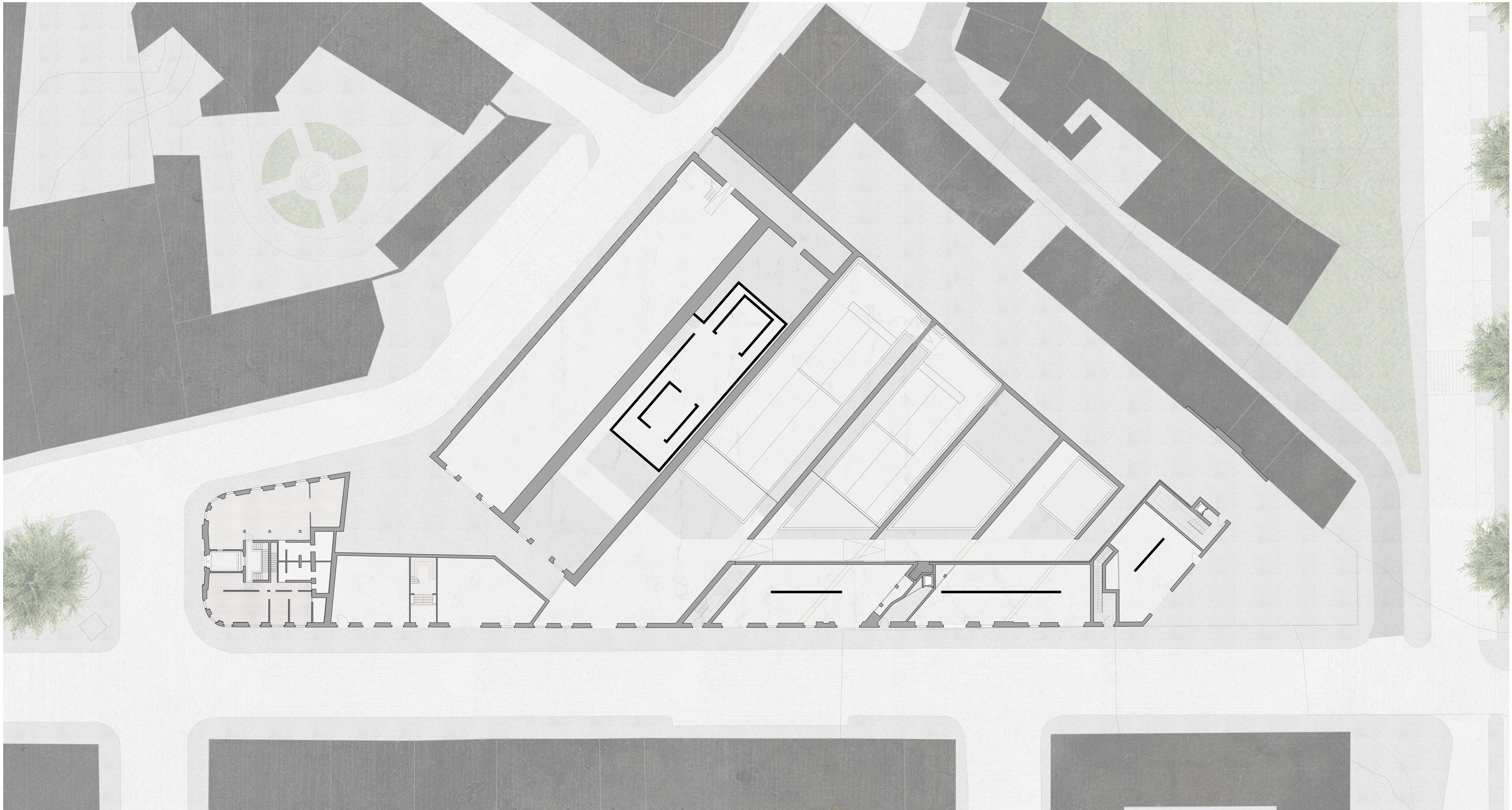
4. Património Religioso

- 4.1. Irmandade de Nossa Senhora do Monte
- 4.2. Igreja de Nossa Senhora do Socorro
- 4.3. Igreja e Convento da Graça
- 4.4. Igreja de São Vicente de Fora
- 4.5. Assembleia de Deus
- 4.6. Igreja de São Jorge de Arroios
- 4.7. Igreja de São João de Deus
- 4.8. Convento de Chelas
- 4.9. Igreja Paroquial de Santa Joana Princesa
- 4.10. Igreja Paroquial de São João de Brito
- 4.11. Igreja de Santa Beatriz
- 4.12. Igreja de Santo Eugénio
- 4.13. Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila
- 4.14. Convento do Beato
- 4.15. Convento de Madreus
- 4.16. Convento das Grilas

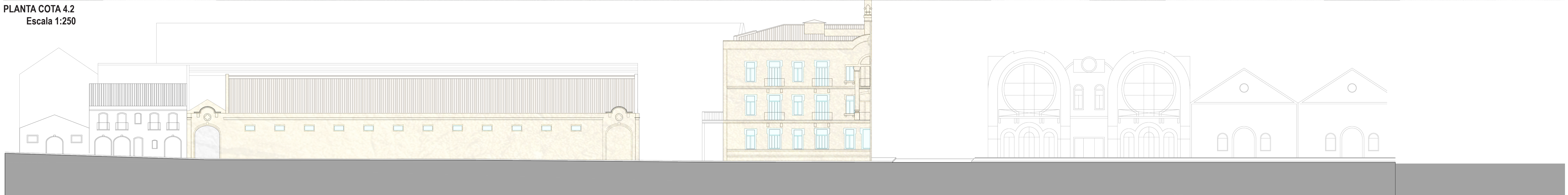


PLANO URBANO
Escala 1:1000

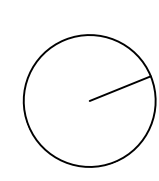


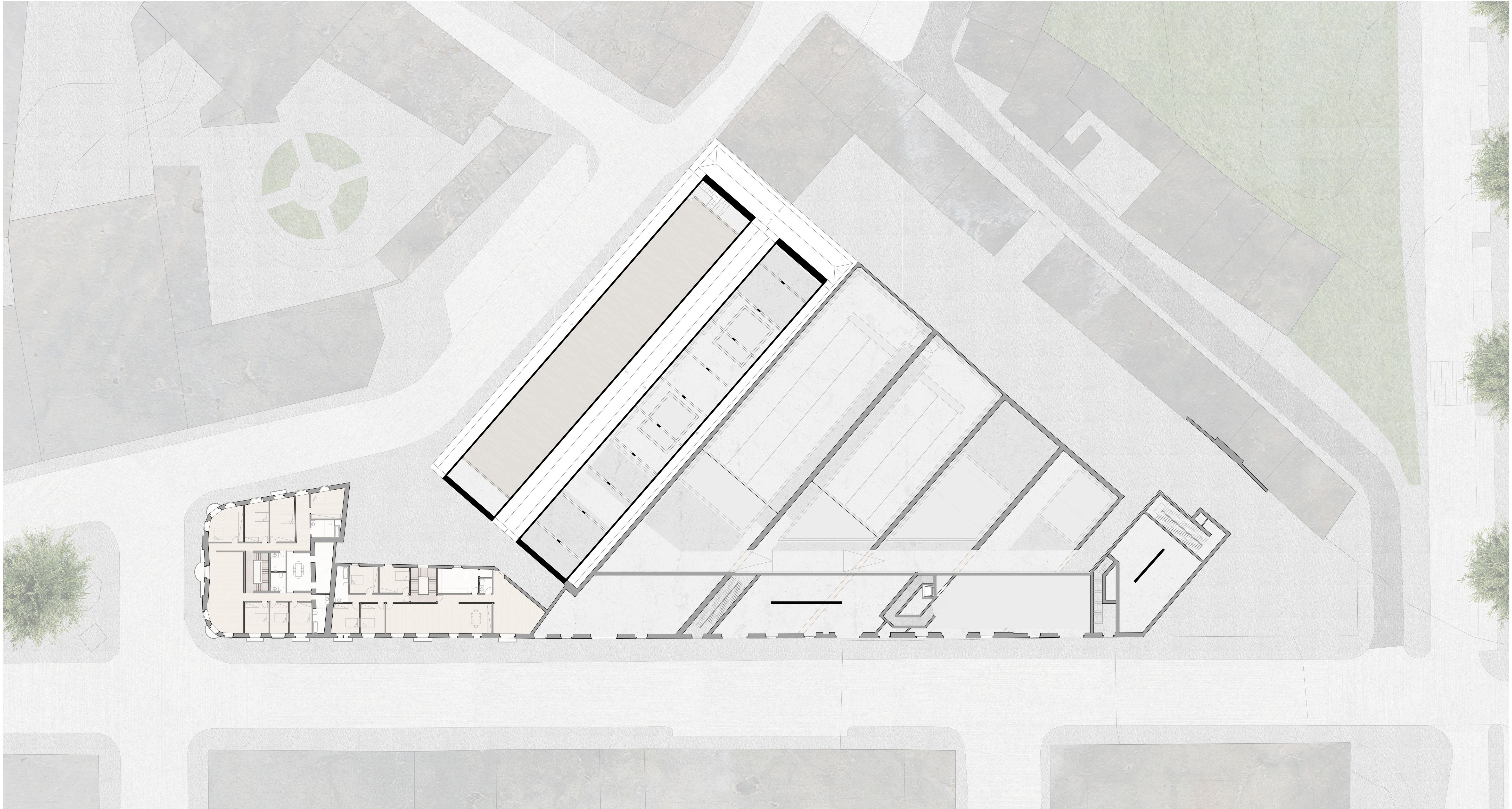


PLANTA COTA 4.2
Escala 1:250

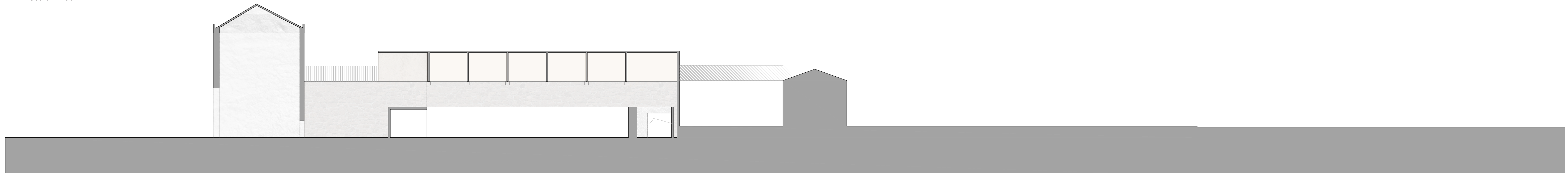


ALÇADO RUA ZÓFIMO PEDROSO
Escala 1:250

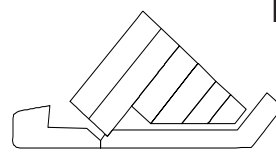
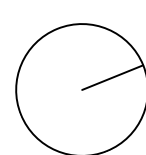




PLANTA COTA 6.2
Escala 1:250

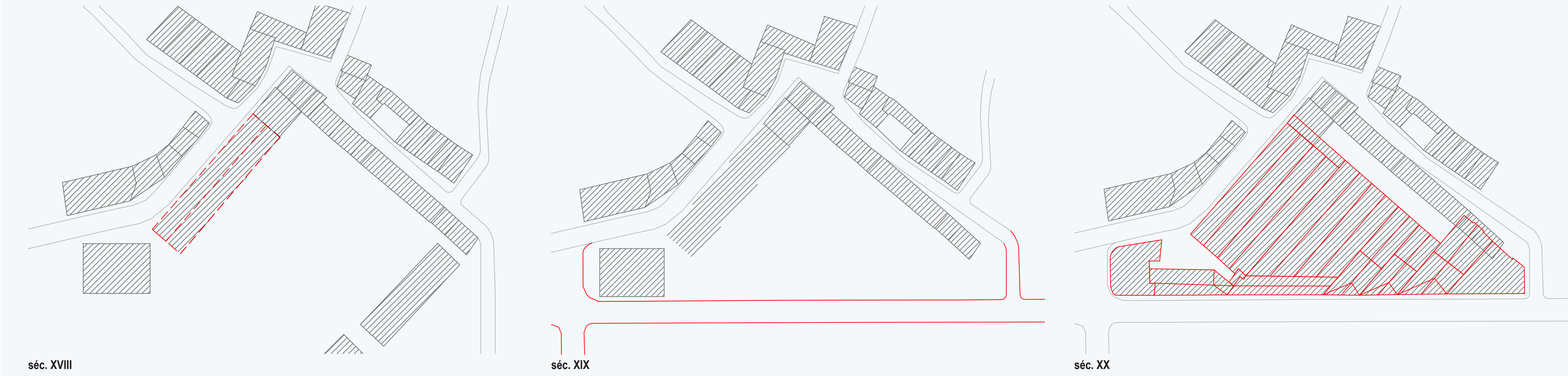


CORTE AA'
Escala 1:250





VISUALIZAÇÃO 3D



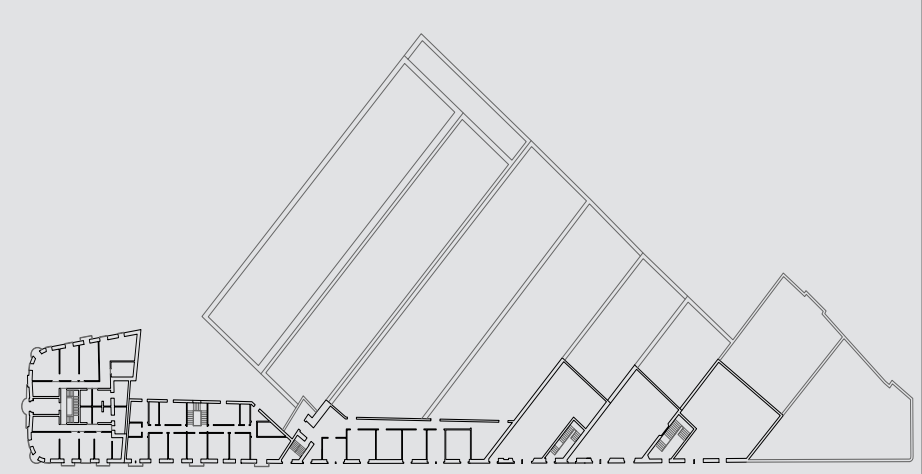
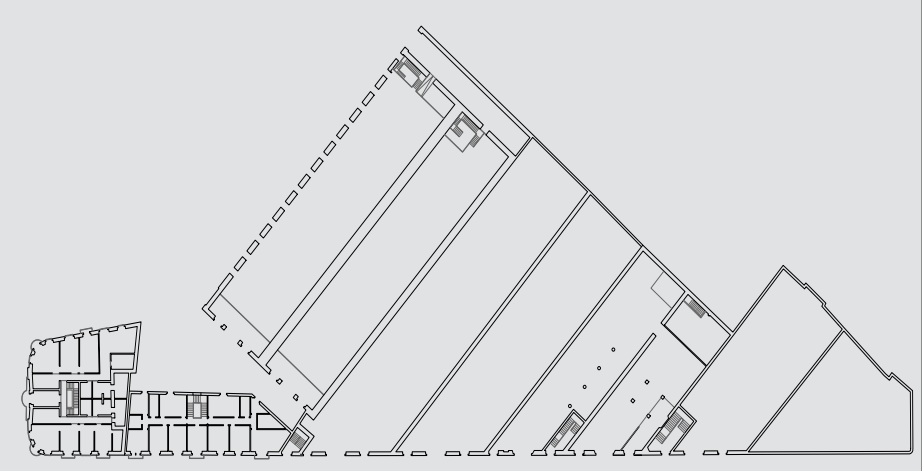
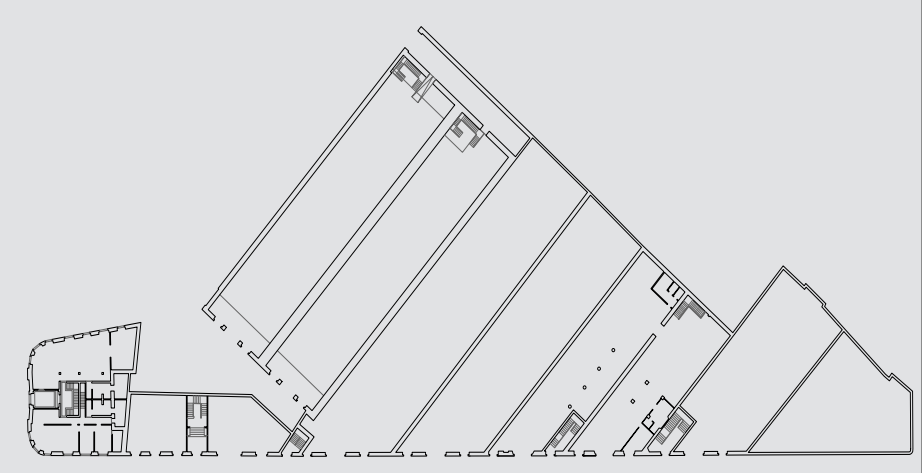
séc. XVIII

séc. XIX

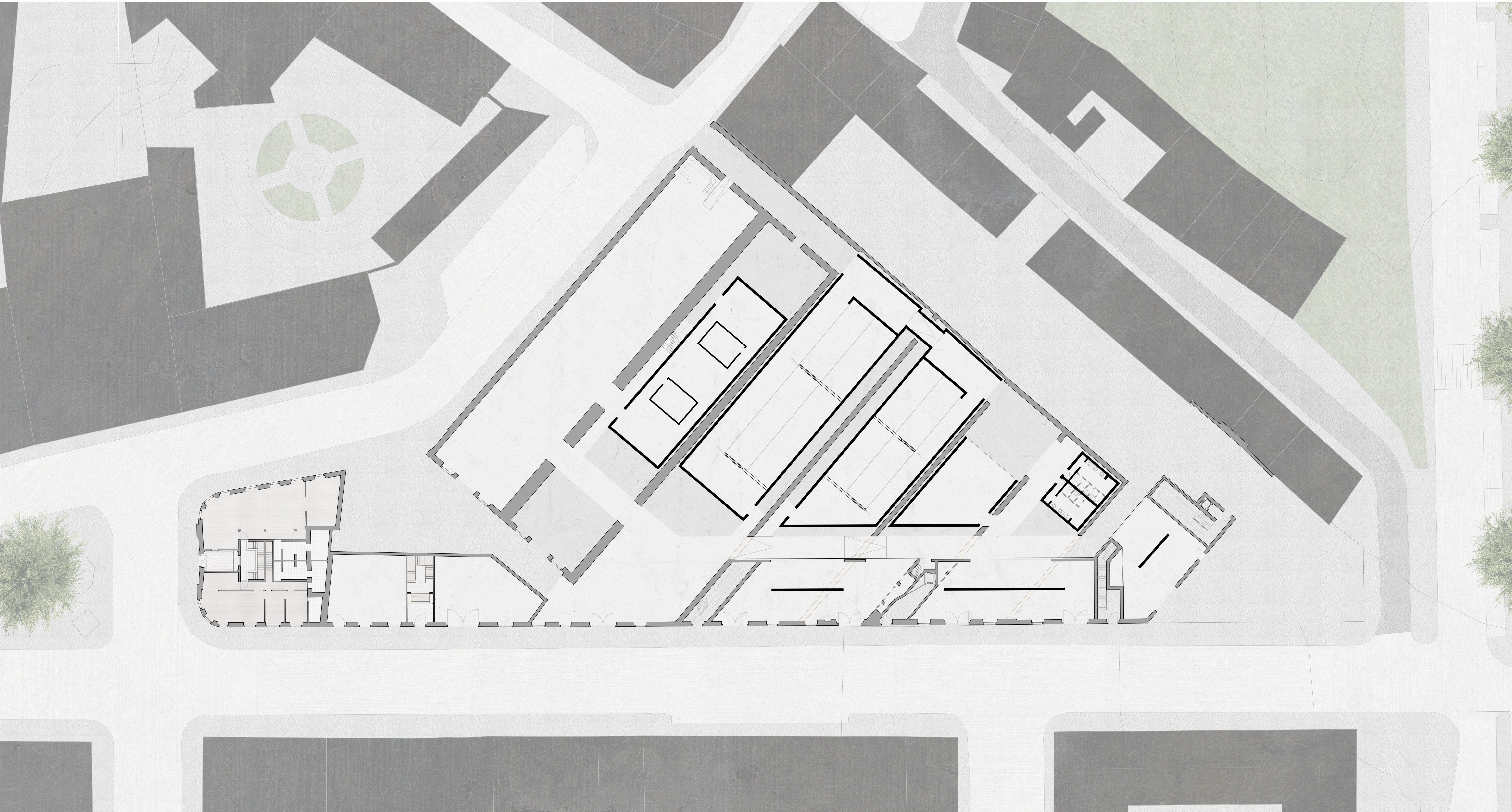
séc. XX



séc. XXI



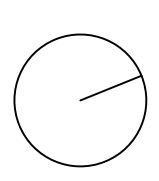
ALÇADO PRAÇA DAVID LEANDRO
Escala 1:250

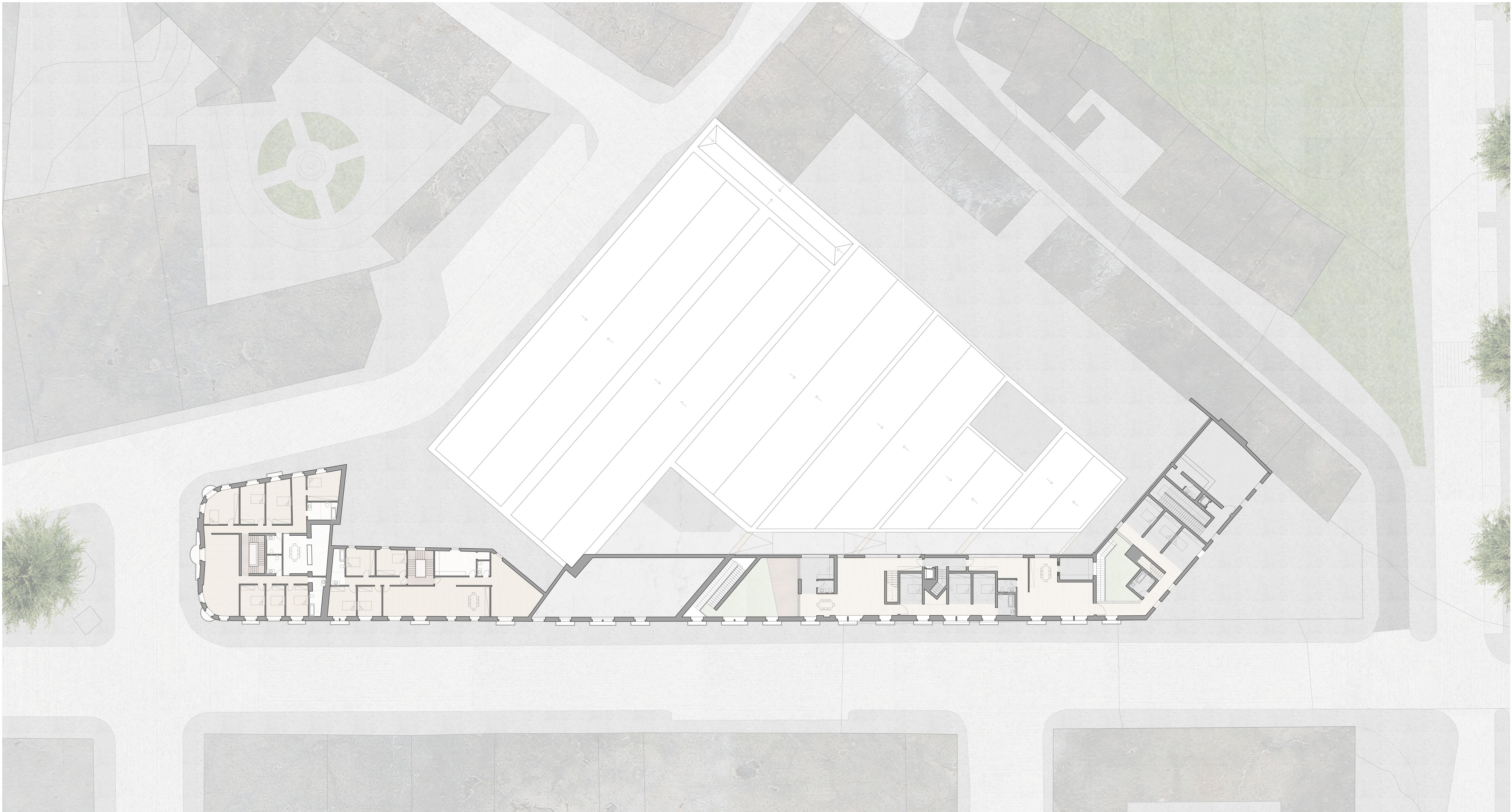


PLANTA COTA 1.2
Escala 1:250

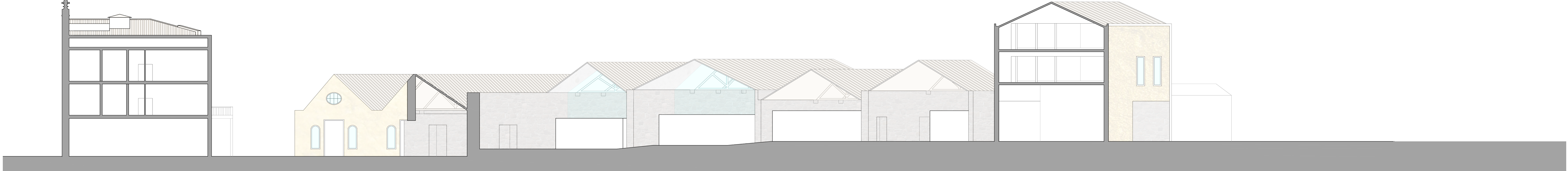


ALÇADO RUA FERNANDO PALHA
Escala 1:250

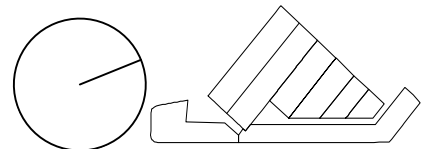


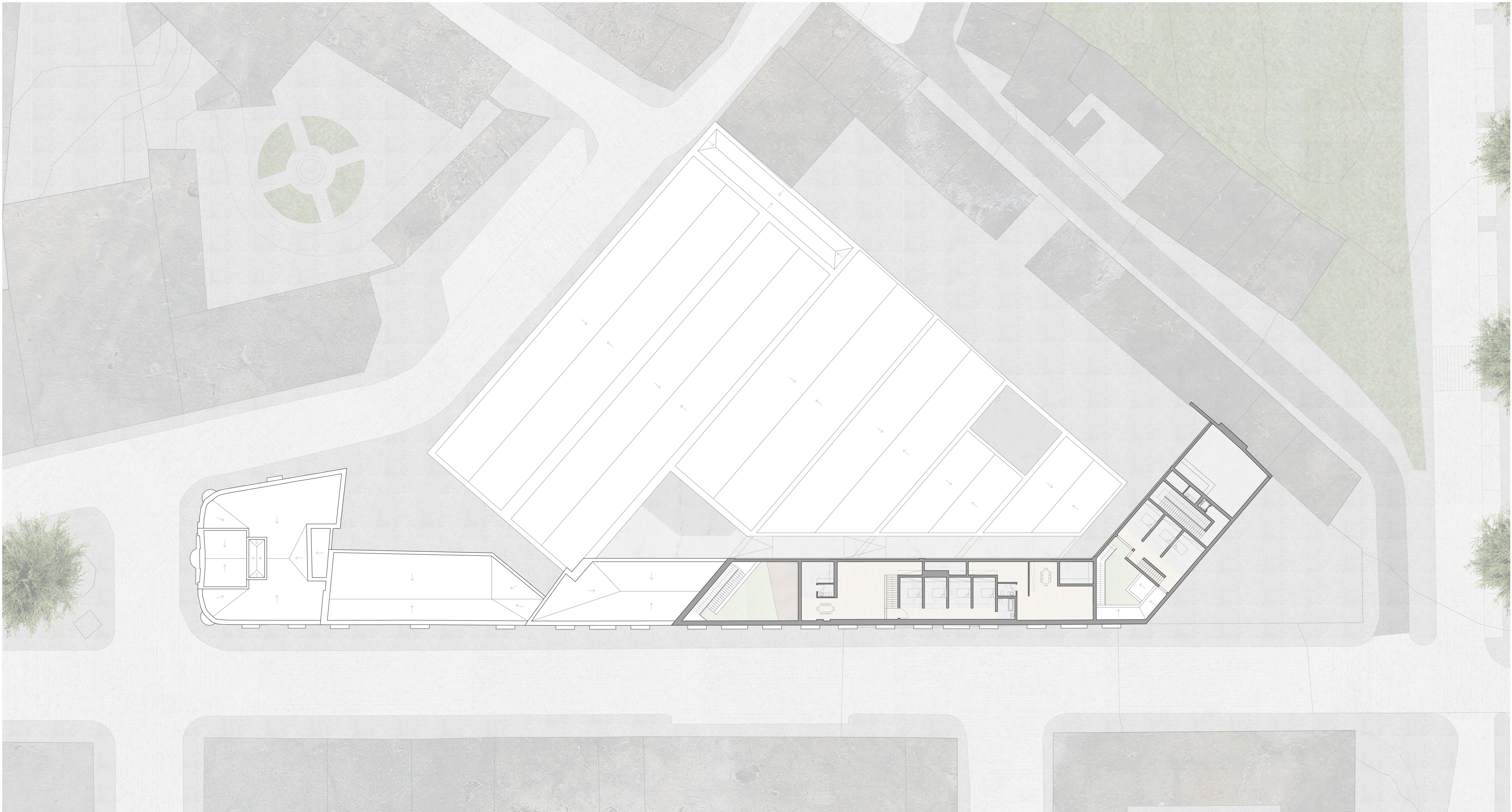


PLANTA COTA 9.7
Escala 1:250

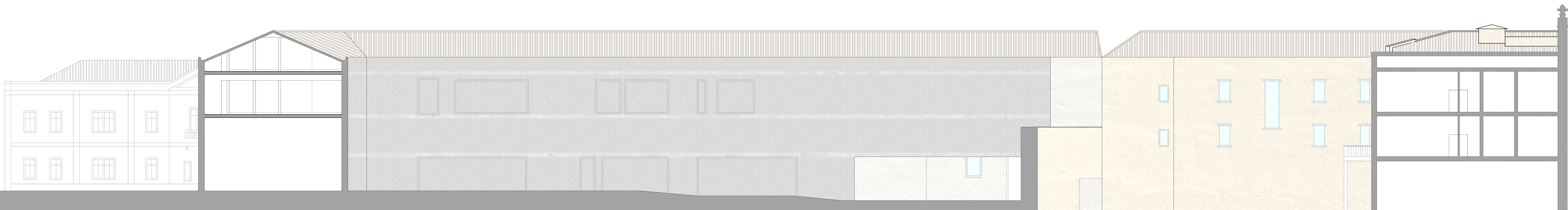


CORTE BB'
Escala 1:250

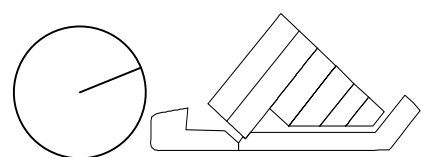


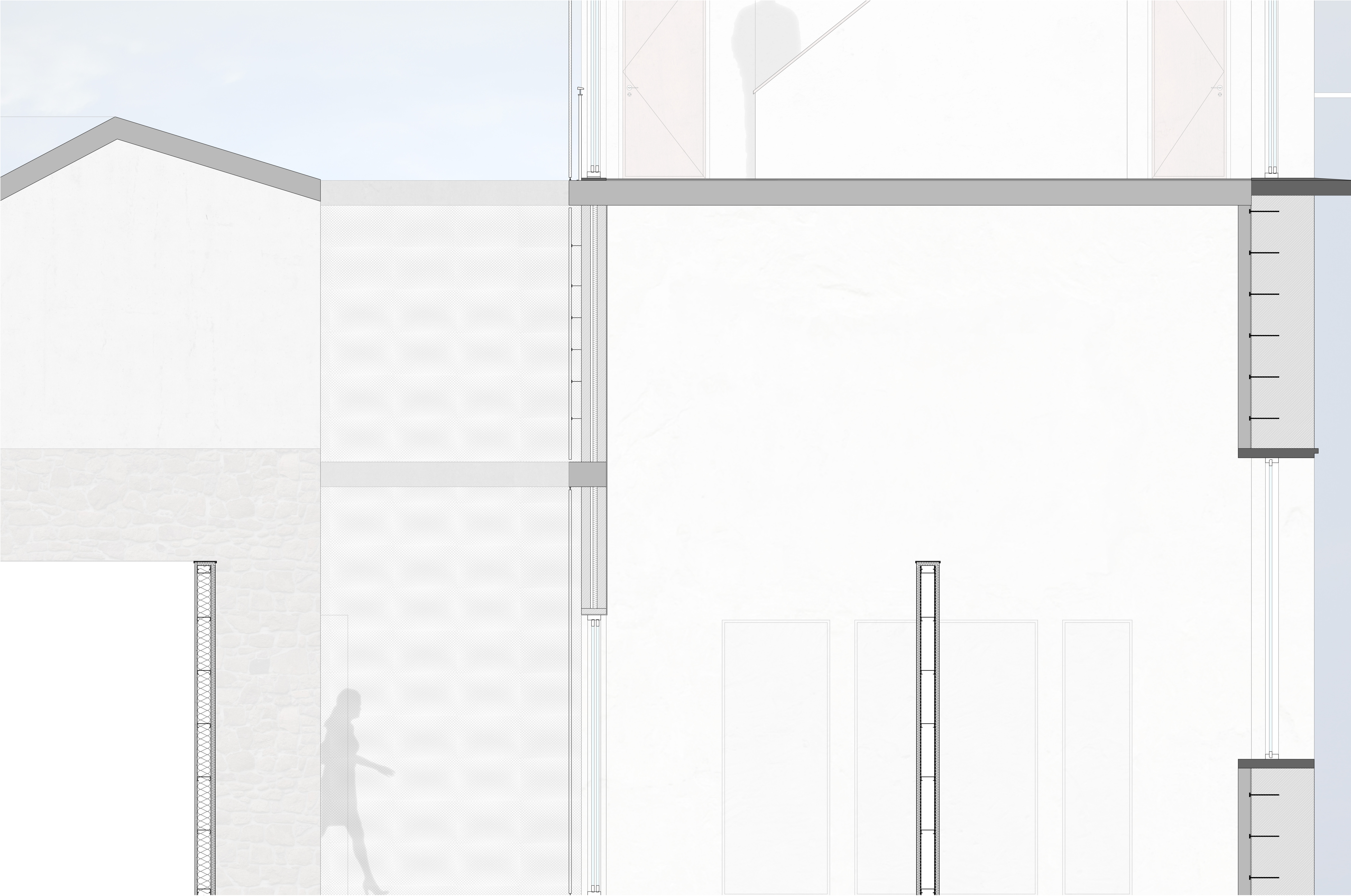


PLANTA COTA 14.7
Escala 1:250



CORTE B'B
Escala 1:250





DETALHE CONSTRUTIVO
Escala 1:20